



BIBLIOTECA MÁRIO DE ANDRADE PROJETO MEMÓRIA ORAL

OTTAVIANO DE FIORE

Hoje, 02 de abril de 2008, a Biblioteca Mário de Andrade registra o depoimento de Ottaviano de Fiore para o Projeto Memória Oral da instituição, iniciativa esta que vem sendo desenvolvida com o objetivo de resgatar a história da Mário de Andrade de uma forma matizada, através de narrativas orais de seus mais diferentes protagonistas: antigos funcionários, diretores, colaboradores, pesquisadores, artistas e intelectuais. Na direção de captação audiovisual deste registro, Sérgio Teichner, e na condução do depoimento, Ana Elisa Antunes Viviani.

Ana Elisa Antunes Viviani: Senhor Otaviano, bom dia!

Ottaviano de Fiore: Bom dia!

AE: Eu gostaria de iniciar o depoimento pedindo que o senhor nos contasse um pouquinho sobre as suas origens familiares, a cidade onde o senhor nasceu.

OF: Eu nasci em Nápoles, por acidente, em 1931. Meu pai estava lá, minha mãe estava lá também. E meu pai era um geólogo – eles eram sicilianos – e meu pai estava estudando o vulcão, o Vesúvio, daí eu ter nascido lá, na beira do Vesúvio. Em 1937 meu pai foi contratado pela USP¹ – foi um dos primeiros professores contratados pela USP – para criar a USP, com o Armando Salles de Oliveira. Teve uma missão francesa – Lévi-Strauss, Bastide etc. – teve uma missão alemã – os alemães, aliás, não eram uma missão, eram todos judeus fugidos do Hitler – e teve

¹ Universidade de São Paulo

uma missão oficial italiana, meu pai foi convidado a vir para cá. Ele fundou o Departamento de Geologia e Paleontologia da USP e nós fomos morar na Praça da República, num edifício que naquele tempo era moderníssimo – hoje é um caco. Esse edifício ficava praticamente atrás da Biblioteca Municipal. Então, eu desde que... Antes eu me inscrevi na Biblioteca Infantil, com a Dona Lenira ainda – tempos heróicos! – mas imediatamente eu comecei a frequentar a Mário de Andrade. A Mário de Andrade era o sonho de qualquer criança leitora. Éramos vários naquele tempo. Havia um grupo de amigos que se reuniam na Biblioteca. Mas isso é anterior à “Estátua”, eu estou falando de 1940, 1942, por aí.

A Biblioteca Mário de Andrade foi uma espécie de faculdade antes da faculdade para mim. Ela tinha um ambiente, tinha um lugar onde se conheciam pessoas, se encontravam outras. Era um lugar onde você podia ler a respeito de tudo. Eu me lembro que um dia meu pai levou um grande susto porque eu tinha sido reprovado por faltas: é que eu matava aula e ia para a Biblioteca. Os outros matavam aula e iam para o futebol, eu matava aula e ia para a Biblioteca. Na verdade a Biblioteca era mais interessante que a escola, a minha escola não era má – o Pasteur era um ótimo colégio, até gostava do colégio – mas a Biblioteca era muitíssimo mais interessante. Lá eu fazia uma espécie de Roleta Russa: abria aquelas gavetas e dizia: “Hoje eu vou estudar o Egito” e ia lá e começava a ler livros do Egito. No dia seguinte eu ia estudar termodinâmica e daí por diante. Isso deveria ter feito de mim um total irresponsável, não fez. Não fez. Na verdade ampliou enormemente a minha cultura geral, quando criança. E pouco depois começou a grande paixão pelos romances. Aí eu li o Dumas inteiro, li *Os Três Mosqueteiros*, tudo. Li tudo, realmente li todos os grandes romances de aventura. A Biblioteca tinha períodos em que fechava meia-noite, o que era um sonho, porque você podia sair da escola, ia para lá, tomava café e passava a noite inteira lendo. Meia-noite eu ia dormir para ir para escola de manhã. Às vezes não, às vezes eles davam um *break* e começavam a fechar às oito. Às oito eu já não gostava tanto.

Além da coleção fantástica de livros, eles tinham uma excelente hemeroteca. Então o que eu li de revista velha na Biblioteca não está escrito. Eu conheci um pouco de história do Brasil contemporâneo lendo os jornais e as revistas de época, quer dizer, eram jornais dos anos 1920, 1930. Hoje são arcaicos. Mas naquele



tempo eram as raízes do Brasil que estavam surgindo. Eu me lembro quando eu descobri o que tinha sido a Coluna Prestes. Descobri isso através dos jornais e revistas, que falavam mal, aliás, do Prestes.

Finalmente havia a Seção de Artes, essa já valeu quando eu era adolescente. Quando eu me tornei adolescente aconteceram duas coisas importantes em São Paulo, na mesma área da Biblioteca, abriu-se o Museu de Arte Moderna e o Museu de Arte Contemporânea. Os dois eram na Sete de Abril, os dois eram no prédio dos Diários, os dois eram rivais. E a gente saía da Biblioteca e ia para um museu ou para o outro. E mesmo ouvir o mesmo pessoal que estava na Biblioteca fazendo conferências e daí por diante. Mas nisso, me abriu a Seção de Arte. Eu comecei a frequentar a Seção de Arte, onde existiam aquelas coisas que, na época, eram absolutamente fantásticas: as Coleções da *Skira*, que tinha coleções a quatro cores de arte moderna, eram trezentas páginas de branco-e-preto e uma colada a cores, que nos parecia moderníssima. Hoje, como você pode visitar um museu pela internet, isso aí parece que eu estou falando da Idade Média. De fato, do ponto de vista gráfico, eu estou falando da Idade Média. Mas essas três seções: a Seção de Arte, a seção de livros e a seção de revistas, eu as usei entre 1940 e 1950, mais ou menos, 1952, 1953 eu já estava na faculdade. Eu parei de usar a Biblioteca Municipal, regularmente, quando eu entrei para a faculdade, porque aí eu era obrigado a ler os livros e aí não dava, tinha que estudar só o material da faculdade e acabou a farra da cultura geral.

Mas eu acho que a Biblioteca foi decisiva para a minha vida. Primeiro porque me permitiu conhecer coisas que eu jamais teria conhecido se eu fosse exclusivamente um bom aluno na escola; segundo, porque me deu um conhecimento da turma que pensava em São Paulo naquele momento: tanto os que vinham atrás de mim, quanto os que estavam na minha frente, quanto os da minha própria geração. Você se referiu à geração dos “Adoradores da Estátua”, que eram o Bento, o Antunes, o Escobar, era um grupo de poetas. Eu me dava bem com eles, mas eles tinham uma coisa que eu não gostava, até hoje eu discuto com o Willer por causa disso: eles eram todos filhos do romantismo sombrio, isto é, do Lautréamont, de todo aquele pessoal que daria os surrealistas. E eles não gostavam dos poetas que eu gostava: eu gostava do Mario Quintana – eu era um pouco ingênuo – eu



continuo gostando muito do Mário Quintana e eles eram absolutamente radicais. Para eles era a “fogueira” para quem não fosse modernista. Eu gostava do Gonçalves Dias. O terrorismo estético deles me afastava um pouco. Eu era mais... Eu queria conhecer tudo, eles só queriam conhecer aquilo. Então me dava um pouco de... Eu era um pouco estrangeiro na turma, não era exatamente da turma. Acabei, entretanto, através da Biblioteca Municipal, justamente no final dos anos 1950, eu acabei conhecendo a obra do Trotski, por acaso, por acaso. Porque eu comprei a Biografia do Stalin, do Trotski, em um sebo, traduzido para o português, fiquei fascinado pelo livro, fui à Biblioteca Municipal e li o Trotski inteiro.

AE: E a Biblioteca tinha?

OF: Tinha, tinha tudo. E tinha em português. Bom, eu tinha uma vantagem, eu lia em várias línguas: eu falava italiano, meu pai fez questão que eu falasse francês, eu estudava em uma escola francesa, lia português, espanhol, enfim, eu tinha facilidade com línguas, isso ajudava muito na hora de estudar, porque você... O Trotski não estava todo em português. Infelizmente, isso me botou na cadeia um dia, porque, ao invés de virar biologista, eu virei trotskista, o que foi uma... enfim.

AE: Quando foi isso, senhor Ottaviano?

OF: Bom, eu comecei a militar no socialismo mesmo, no movimento socialista, na saída do colegial. Eu vi um comício do Prestes, no Anhangabaú, enfim, essas coisas. Eu era muito jovem, tinha 16 anos, 17 anos.

AE: Quando que foi isso?

OF: Isso foi em 1948, por aí. Do socialismo foi fácil passar para o trotskismo, porque o trotskismo eu considerava o socialismo em estado puro, um socialismo não contaminado. O stalinismo me pareceu uma monstruosidade – era uma monstruosidade – mas isso mudou minha vida, me tornou um político, coisa que eu nunca pensei que eu iria ser. A Biblioteca tem o seu papel nisso também.



AE: O senhor contou que fazia o Louis Pasteur, isso no colégio, e depois o senhor entrou na faculdade. Foi para Faculdade de Filosofia?

OF: Eu fiz Biologia. Eu comecei por Biologia, fiz Biologia no tempo que era na Alameda Gleite, ainda, naqueles velhos prédios – nem existem mais. Mas, por causa da política do socialismo, eu frequentava muito a Maria Antonia, que é onde eu conheci a turma: o Fernando Henrique, o nosso pessoal. Porque na época, todos, mais ou menos, de um jeito ou de outro, orbitavam em torno da política do Partido Comunista. Mas a Maria Antonia era o lugar onde se faziam sociólogos. No fim acabei estudando sociologia. Eu fui biologista até 1968, eu era oceanógrafo, para ser mais exato, eu trabalhava no Oceanográfico. Mas aí eu fui para a rua – enfim, foi um momento em que todo mundo foi para a rua, não fui só eu – e tive uma sorte incrível: o Victor Civita, que naquela época estava fazendo a Abril, nos contratou todos. Nos contratou por salários quatro vezes maior do que o Estado pagava. Eu fiquei rico. Biologista era um morto de fome, quer dizer, do ponto de vista do salário não ganha nada. Fomos todos trabalhar na Abril: o Fernando, o Boris Fausto, o Junqueira, todo mundo foi trabalhar na Abril. Houve um momento em que a Abril parecia uma legião estrangeira: quem estava fugindo ia trabalhar na Abril. Várias vezes tínhamos que fugir de dentro da Abril, porque... Os Civitas foram muito simpáticos, na verdade, nos salvaram várias vezes de sermos presos lá dentro, a gente fugia pelo fundo.

Agora, foi engraçado como na Abril eu voltei a encontrar um monte de gente que tinha frequentado a Biblioteca. Aí você percebe o quanto São Paulo era muito pequena, muito provinciana, e a Biblioteca era uma coisa excepcionalmente boa para a cidade naquele tempo. Eu me lembro que em 1950, eu voltei pela primeira vez para a Itália e fui para Catânia, na Sicília, que tem uma universidade do século XII. É uma velha cidade intelectual, e a biblioteca municipal deles era muito pior do que a nossa, sem dúvida alguma. Deu saudades da nossa Biblioteca. A Biblioteca Municipal foi uma espécie de pátria, curiosamente, para muita gente, para mim foi, mas, para dezenas de pessoas que eu conheço, foi também.



AE: E, Senhor Ottaviano, voltando um pouquinho nessa época que o senhor frequentava, estava saindo do colégio e entrando na faculdade, os outros lugares em que o senhor circulava na cidade, algum outro que tenha também sido marcante?

OF: Olha, a cidade era tão pequena, que tudo dava em uma espécie de triângulo, que estava entre a Faculdade de Direito, no Largo de São Francisco – que era um centro importante, havia um bar famoso na frente da Faculdade de Direito – depois, tinha a Maria Antonia, aqui no centro; tinha a Biblioteca Municipal; e, na Sete de Abril, tinha a Cinemateca do Paulo Emílio – que era muito importante, estava dentro do Museu de Arte Moderna – e o Museu de Arte Contemporânea do Bardi. Para a vida intelectual, esses eram os grandes centros. Além disso, havia os bares, que é uma outra questão. Isso daria até para fazer um depoimento interessante que seria dos bares dos intelectuais de São Paulo, porque aí juntava o Ponto Chic; o Juca Pato, aqui do lado, que era do lado desse cinema; o Nosso Engenho, que era um bar na esquina da Barão de Itapetininga com a Ipiranga; e mais tarde, quando nós saíamos do Nosso Engenho, um bar que até os anos 1960 foi muito importante para a “inteligência” que era o Arpège. O Arpège era na São Luiz e o Arpège era o bar da USP. Na verdade Deus e todo o mundo se encontrava no Arpège, era uma espécie de sucursal do saguão da Maria Antonia, na qual juntava também gente de outras: vinha o pessoal da Engenharia, vinha o pessoal de várias, físicos, vinha gente de várias origens, e muitos jornalistas. Agora, os bares dos jornalistas eram próprios, os jornalistas se reuniam por conta própria, no Harmonia, em alguns lugares que não eram esses mais gerais. Os bares mais gerais eram esses.

Eu acho que hoje essa vida de bar não existe mais, porque eu vejo pelos meus filhos, mais ou menos na idade que eu tinha, eles não têm mais essa... Acho que as próprias universidades têm bares internos, as universidades de algumas formas se provincianizaram mais, se tornaram capitais de si mesmas. Não se sai mais fora. Por exemplo: eu dei aula na PUC², desde 1983 – agora me aposentei –, havia dois ou três bares em torno da PUC que a gente frequentava com os alunos e os professores, mas eram encostados na PUC, ali na esquina. Não tinha essa coisa

² Pontifícia Universidade Católica



de ir a um bar do centro para encontrar Deus e todo o mundo, a gente só encontrava a PUC, a USP só encontrava a USP, e daí por diante. De alguma forma houve uma provincianização da vida universitária e a Biblioteca saiu do roteiro.

AE: É, pois é, porque acho que quando assume o Governo Militar e a USP é transferida para o Butantã, houve essa dispersão das pessoas.

OF: Bom, a USP foi para o Butantã muito antes do Governo Militar. Eu fui um dos primeiros “colonos” da... Isso foi em 1956. Eu me lembro que eu ia assistir aula de fisiologia lá na USP e nós tínhamos que fazer caravana para levar as meninas de volta, até os ônibus, às vezes de caminhão, porque era lama... A USP era um buraco cheio de lama. Só tinha os laboratórios funcionando. De lá para cá ela foi se consolidando. Hoje ela tem um orçamento maior do que a maior parte das cidades brasileiras e tornou-se um centro em si mesmo. Claro, a Biblioteca não pode atrair como a USP e também é muito longe. Mas a Biblioteca tinha uma subcultura e foi essa subcultura que não se manteve, eu acho. Mas isso é assim mesmo, as instituições têm períodos, tem fases. É assim mesmo.

AE: E, Senhor Ottaviano, o senhor se recorda de ter frequentado o auditório da Biblioteca, de ter assistido palestras?

OF: Muito! Fiz palestras, dei palestras, ouvi palestras, teve brigas. Era uma sucursal do Partido... Uma época eu me inscrevi no Partido Socialista, junto com o Paul Singer, quando nós – nós éramos socialistas antistalinistas, antiautoritários –, então a Biblioteca Municipal era ótima para isso, porque eles nos emprestavam aquele auditório para todos os debates. Era uma espécie de sucursal do Partido Socialista.

Até me lembro de uma piada engraçadíssima. Eu era muito amigo do Oswald de Andrade, que me ajudou muito. Quando eu o conheci – não só eu, o Arthur Gianotti –, havia um grupo de amigos que começaram a frequentar a casa do Oswald. O Arthur era muito amigo do Rudá, do filho do Oswald. O Oswald era um homem muito generoso, mas ele estava esquecido, só nós gostávamos dele, ele estava esquecido. Eu não sei por que, essas coisas da inteligência tinham saído de



moda. Os jornais... tinha saído de moda. Eu fiz o primeiro cursinho de São Paulo, inventei, eu e uma sócia – que a mim me parecia velhíssima, ela tinha 24 anos, eu devia ter 17 – nós fizemos um cursinho, o primeiro cursinho de São Paulo para entrar em faculdade, que foi um sucesso. Mas aí minha mãe me obrigou a largar o cursinho e a continuar estudando – besteira, não é? Eu estaria milionário – olha o Di Genio³ aí – se eu tivesse continuado com o cursinho. Mas nessa época o Oswald era um cara que estava meio abandonado, então essa molecada toda que começou a paparicá-lo, nós o levamos para a Biblioteca Municipal de novo. Ele fez várias conferências lá, e ele fez duas que para mim foram inesquecíveis: uma foi no Museu de Arte Moderna – foram quase simultâneas – uma foi no Museu de Arte Moderna, na qual ele... Nessa época, isso foi em 1950, ou 1949, o Stalin tinha inventado o tal do Realismo Socialista e ele tinha um ministro chamado Zhadanov, que era Ministro da Cultura dele, que era amigo do Jorge Amado – que era um picareta – e que tinha criado essa teoria, mas era tudo uma porcaria, basta lê-los hoje que você vai perceber o que eles eram. E o Oswald ficou absolutamente possesso. Ele dizia: “Eu também fui ‘marchista’” – ele dizia “marchista” – e aí ele enfrentou toda a turma do Partidão: Eunice Catunda... mas todos! A Eunice Catunda, que era uma grande pianista, tinha uma música de alto talento, ela fez uma coisa que eu morri de vergonha: ela fez uma autocrítica pública, dizendo que, sim, que ela tinha feito música burguesa, decadente etc. Era uma coisa tão deprimente assistir aquilo. O Oswald foi um respiro, porque ele arrasou com aqueles caras. Ele virou o nosso ídolo. Aí nós o levamos para a Biblioteca Municipal onde ele fez um debate com a direita. Em vez de fazer com a esquerda, ele fez com a direita. Naquele tempo o Roland Corbisier era de direita, depois ele virou trabalhista. E o Oswald começou a ler um negócio em francês, com um péssimo sotaque e o outro, o que estava na primeira fila, lá na Mário de Andrade, disse: “Mas que francês horrível!”, e o Oswald continuou a ler e disse: “Também, não sou filho de francesa”, e continuou lendo, o que isso significava naquele tempo era claríssimo.

O espírito da Mário de Andrade tinha muito a ver com isso, com a agitação que aquele lugar causava. Depois a gente saía e entrava direto lá embaixo, nos livros. Era uma segunda casa nossa aqui. Eu tenho muitas saudades daquilo.

³ João Carlos Di Gênio, dono da rede de ensino Objetivo.



AE: O senhor chegou a conhecer o Sérgio Milliet?

OF: Muito, Sérgio Milliet era amigo do meu pai, ele foi diretor da Biblioteca.

AE: E o senhor tem lembranças dele?

OF: Ótimas! O Sérgio foi uma espécie de mestre para mim. Não só eu o lia no Estadão o tempo todo; ele, o Candido, toda a turma que fez o... Olha, o Suplemento Literário que foi bolado pelo Décio e pelo Candido, eles fizeram uma coisa extraordinária. Teve o suplemento literário dos Diários, que foi muito bom, realmente, e o suplemento literário do Estadão, que foi extraordinário. Eles foram uma espécie de universidade pública para nós e o Sérgio era um dos nomes centrais dessa coisa. O Sérgio era um homem de uma cultura fantástica. E pau d'água! Bebia pra valer! Na verdade todos nós bebíamos por causa dele, porque ele nos levava para aquele Pari Bar, lá atrás da Biblioteca e acabava enchendo a cara. Não era uma boa influência para nós a esse respeito. Agora, ele era um homem que quanto mais bebia mais engraçado ficava, isto é, ele se tornava menos solene e mais direto. Por que ele foi importante? Veja: porque o grupo que tinha sido o Clima, Planalto, era um grupo muito pequeno. Eles praticamente estavam, como o próprio Oswald, estavam começando a perder influência, estavam sendo esquecidos pela juventude. Na verdade, como nós começamos a frequentar a casa dessas pessoas, eles começaram a nos passar a bagagem deles e, de alguma forma, nós viramos uma espécie de caixa de ressonância deles. Começamos a divulgá-los no meio dos estudantes. Demos uma espécie de... Vamos por uma segunda via: eles eram importantes, nós éramos só os divulgadores. Nós éramos uma espécie de agitadores dessa visão da cultura, que era uma visão renovadora da cultura. Era sair da influência francesa, asfixiante, que a gente tinha. Eu era ultrafrancês, fui criado em um colégio francês, mas eu percebia que nós ignorávamos a cultura americana, a cultura italiana, era uma coisa muito... São Paulo era provinciana, e eles não eram, eles não eram nada provincianos, pelo contrário: eles eram cosmopolitas, todos tinham estudado fora, o Sérgio Milliet na Suíça. Eles tinham outra visão. O Sérgio foi



um ar fresco, foi uma ventilação de ar fresco naquele tempo.

AE: Senhor Ottaviano, eu queria ainda, na questão da Biblioteca, o senhor se lembra... o senhor contou das coisas que encontrou na Sala de Artes, dessas publicações que vinham com os desenhos dentro, houve algum livro ou algum autor que o senhor encontrou na Biblioteca que o despertou, que foi extremamente marcante?

OF: Olha, são tantos que é difícil dizer, viu? Porque as duas bibliotecas decisivas da minha vida foram a biblioteca do meu pai e a Biblioteca Municipal. Na verdade eu li muito na rasteira do que meu pai me sugeria. Eu li toda a obra do H. G. Wells, por exemplo, que naquele tempo não era... Veja, o H. G. Wells não era um romancista. Hoje é visto como romancista de ficção científica e, na realidade, ele era muito mais do que isso, ele foi, junto com o Julian Huxley, ele foi um grande divulgador da biologia. Ele escreveu uma história universal que influenciou toda a minha geração e muito mais. Em 1957, o Ministro da Cultura, o Weffort⁴, entrou na USP e eu me lembro que eu estava batendo um papo com ele – ele era mais jovem que eu – e a gente estava batendo um papo, de repente ele me diz: “Bom, eu estudei isso no H. G. Wells”. “Você também, é?” Todo mundo tinha estudado o H. G. Wells. O H. G. Wells era um homem muito lido realmente, muito lido por nossa geração e pelas seguintes. Esse teve uma influência enorme no internacionalismo, no socialismo, na visão da ciência.

Agora, eu li caras que não tiveram nada a ver com isso: Mircea Eliade, por exemplo. O Eliade foi um cara que eu conheci na Biblioteca e foi um homem decisivo para minha formação, como intelectual. Quem mais foi que eu descobri na Biblioteca?

Olha, eu tinha me esquecido... A Biblioteca tinha uma coisa importante: os vinte minutos de espera. Pelo seguinte: porque levava vinte minutos para o livro chegar na tua mesa. Nesses vinte minutos ou você ficava olhando para o teto ou ia para as enciclopédias das estantes. Então, nesses vinte minutos eu lia enciclopédias. Não foi um autor, foi a *Britannica* e a *Treccani*, que era a enciclopédia

⁴ Francisco Correia Weffort foi ministro da Cultura durante o governo de Fernando Henrique Cardoso (1995 – 2002)



italiana, que são duas enciclopédias fantásticas. Dava tempo de ler um artigo, antes de receber o livro. Em vinte minutos eu conseguia ler um artigo. Que artigo? Era um pouco ao acaso, como era uma espera... Sala de espera, você pega o quê? Contigo, Veja, Claudia – o que eu pego hoje? É isso! Aí me dava vontade de ler o quê? “A França do século XVIII”. Eu lia o artigo e aí pegava o livro depois, que estava chegando. Então, as enciclopédias foram muito importantes na minha cultura, tanto que, veja, acabei virando editor de enciclopédias. Não só fui editor de enciclopédias, como sou até hoje um grande leitor de enciclopédias. Isto é uma coisa que os intelectuais tendem a mascarar. Geralmente as pessoas mentem, porque intelectual deve muito à enciclopédia. É impossível você adquirir uma cultura geral sem utilizar enciclopédias, porque a enciclopédia te dá o panorama, o autor normalmente te dá o setor daquilo. Mas cultura de enciclopédia é mal vista porque enciclopédia é anônima – o que nem é verdade: a *Britannica* é assinada, a *Treccani* é assinada, anônimo coisa nenhuma – eu li o Bertrand Russel a primeira vez na *Britannica*. Eram esses autores que publicavam. Eu me lembro que, por exemplo, Aldous Huxley foi um romancista muito – ah, sim, eu li todo ele na Biblioteca Municipal, que foi um romancista muito importante na minha juventude. Como ele era um homem cultíssimo... a família Huxley inteira era de gente muito culta. O avô dele tinha sido o darwinista número um, o velho, o Thomas Huxley. O irmão do Aldous Huxley era o Julian Huxley que foi um dos grandes biólogos. O sobrinho dele é Prêmio Nobel de Biologia. É tudo gente de primeira, está certo? Todos eles eram tremendos leitores de enciclopédias. O Aldous Huxley foi acusado por um amigo na época de que tinha um assunto que ele não sabia porque ele não tinha chegado na letra “L” da *Britannica*.

É difícil diminuir o papel do uso das enciclopédias na formação do intelectual. E a Biblioteca Municipal tinha todas. Tinha coisa que eu sabia que eu não ia encontrar em uma enciclopédia, nem na italiana, nem na inglesa, ia encontrar na espanhola, porque o barroco é muito mais importante para os espanhóis do que para os outros. Então as enciclopédias têm grandes variações dentro delas, você tem que saber o que você quer buscar. Isso você só adquire com o uso, ninguém ensina isso. Não há como aprender isso, a não ser fazendo.



AE: Bom, Senhor Ottaviano, o senhor está falando das enciclopédias, o senhor já contou como chegou na Abril, no Grupo Abril, então eu queria saber como que... Por que o senhor foi editor da Abril Cultural, essa sua experiência com as enciclopédias, como foi esse processo de criação desse sucesso dos fascículos da Abril nessa época?

OF: Isso é uma coisa curiosa. O negócio é o seguinte: quando nós fomos para a rua, o Victor Civita – “Seu Victor”, como ele era conhecido – convidou todos esses intelectuais da USP para trabalharem lá e ele nos pagava muito bem, realmente. Pagava muito bem e nos tratava muito bem. E a Abril dispôs de uma força de trabalho de intelectuais que hoje seria impossível juntar de novo, porque você não consegue pagar esses caras de novo. Onde é que você vai arranjar o equivalente desse pessoal, concentrá-los todos em poucas salas e encomendar uma enciclopédia? Hoje em dia você não consegue fazer isso. São momentos, naquele tempo a Abril era a única que fazia isso, não havia outros e eram momentos, e isso é uma coisa curiosa: os fascículos, a venda de *partworks*, a venda de enciclopédias em 16 ou 32 páginas sucessivas, você passava um ano, dois anos comprando uma enciclopédia, isso não existe mais, em lugar nenhum do mundo você consegue fazer mais isso. Tudo mudou. A internet... tudo mudou. Mas essa possibilidade de a gente trabalhar sistematicamente em enciclopédias nos permitiu fazer uma espécie de ciclo de cultura geral, porque era isso que a gente produzia. A gente produzia um tipo de enciclopédia que era para estudantes. *Conhecer* era uma enciclopédia de leitura para estudantes. O estudante que queria saber a história da França ia lá, o estudante que queria saber negócios de genética ia lá, o estudante que queria saber como é que as baratas comem ia lá. Porque tem um grande índice, ele buscava lá o que ele quisesse, mas era basicamente leitura. Eram artigos grandes, quatro, cinco páginas, e o cara tinha que ler tudo. Era o resumo de um assunto.

Depois havia um outro tipo de enciclopédia, que foi uma que nós compramos fora, a *Delta Larousse*, que eram verbetinhos. Era a informação rapidinha, quase um dicionário, para você só saber aquela coisinha. Depois disso, nós começamos com enciclopédias temáticas: enciclopédia só de ciência, só de literatura, e daí por diante. O que é uma enciclopédia, o nome disso tudo? É um ciclo que fecha todo o



conhecimento, ou de uma área, ou do conhecimento como um todo. Naquele tempo era impossível pensar em *Wikipédia*, não se podia imaginar uma *Wikipédia*. Isso é possível hoje, com a colaboração de milhões de leitores. É uma coisa interessante porque é uma enciclopédia de leitores, não é uma enciclopédia só de autores, é uma enciclopédia na qual os leitores se tornam autores. Eu mesmo escrevo para a *Wikipédia*. Eu estou procurando alguma coisa e eu percebo que está mal feito, se eu entendo daquele assunto, eu corrijo. Agora, como é que alguém pode ter acesso a alguma coisa que é corrigida por quarenta, cinquenta mil especialistas no mundo? É quase impossível você fazer isso por impresso, dá para fazer eletronicamente. Era um prelúdio, aquelas enciclopédias que a gente fazia eram um prelúdio disso. Hoje esse ramo quase acabou. O interessante é: por que ele nasceu? Eu fiz um estudo sobre isso e eu descobri o seguinte: os fascículos e as coleções por partes, eu tenho um de 1888, em italiano, impresso em litografia ainda, com capa colorida e chama-se *Os grandes personagens da história universal*, exatamente a nossa. Nós chamamos a nossa: *Os grandes personagens da história universal*. Porque desde 1888 os temas das enciclopédias são sempre os mesmos, são para escolares. Nós fizemos algumas pesquisas que mostraram claramente o seguinte: quem é o leitor de enciclopédias? Quem compra? Quem comprava? Eram famílias de classe *C*, *D* e *E* – *E* no Brasil é catador de papel, hein? *E* é muito pobre! *C* e *D* é remediado, *E* é muito pobre. Raríssimos *A* e *B* compravam enciclopédias. Nós estávamos fornecendo cultura engarrafada e organizada para uma enorme massa de filhos de camponeses que tinham chegado do campo nessa grande expansão urbana do Brasil. Houve uma urbanização colossal: 80% da população está nas cidades, hoje – todos eles camponeses ou filhos de camponeses. Era para eles que os pais compravam: os pais compravam para os filhos darem certo na escola. Era esse o grande motivo da compra das enciclopédias, tanto que nós começamos a investir muito nas enciclopédias escolares por causa disso, porque era o nosso grande mercado. Depois descobri que isso era universal: em todo o mundo essas enciclopédias populares são contemporâneas da iluminação com gás, do começo da eletricidade, da urbanização, porque exprimia a mesma necessidade. Na Itália, por exemplo, onde havia um estudo muito bem feito por sociólogos lá, 80% dos leitores das enciclopédias eram trabalhadores do sul que tinham migrado para as grandes

idades do norte. Era a busca da cultura para se integrar no mundo contemporâneo. Uma boa parte daquilo que eu aprendi na Biblioteca, eu transferi para as enciclopédias que eu fiz. A Biblioteca foi uma espécie de fonte original dessa forma de pensar que a gente tinha lá. Não era só eu: um bocado de gente lá tinha se formado, na Biblioteca, inclusive minha mulher, que era diretora lá também.

AE: Que outras coleções dessa época que foram um sucesso?

OF: De arte nós fizemos uma que foi um sucesso enorme, que era *Os mestres da pintura*. *Os mestres da pintura* depois avacalhou, virou uma coisa que... O negócio é o seguinte: no Brasil existem umas quatro mil editoras mais ou menos e duas mil livrarias. Quer dizer, tem o dobro de editoras do que de livrarias, o que é uma loucura, por que de onde é que sai...? Bom, acontece que o brasileiro compra livro em banca, o brasileiro não compra livro em livrarias. Só os ricos compram livro em livrarias, o pobre compra livro em banca porque é muito mais barato. Porque há 36 mil bancas e não duas mil, então você pode fazer tiragens em larga escala. Uma coisa que teve grande sucesso: *Os Pensadores*. *Os Pensadores* foi uma coleção que era: todo mundo que pensou alguma coisa de importante deveria estar lá dentro. Então nós botamos uma espécie de seleção de todo o mundo que os estudantes deveriam conhecer, estarem lá dentro, prefaciados por um intelectual contemporâneo. Isso teve um grande sucesso.

Clássicos da literatura universal teve um grande sucesso. Começou com Dostoievski e prenderam o editor nesse dia porque era um russo. Isso foi em plena ditadura militar e o censor queria saber por que nós estávamos editando aquele russo. Vendemos cem mil exemplares do Dostoievski. O Dostoievski era até um autor reacionário, não tinha nada de socialista. Mas pense num censor em 1970, o que ele achava, não é?

Outro que deu muito certo também foi uma coleção mais *low-blow* que chamava-se *Best Sellers*. Isso não eram clássicos da literatura, não é o que a USP recomenda, é a estante dos *best sellers*, está certo? A maior leitura literária do mundo é de *best Sellers*. Eu mesmo sou um grande leitor de *best sellers*. Eu acho o Ken Follet genial. Aliás, recomendo o livro dele que se chama *As Catedrais*,



porque é extraordinário.

Isso é uma coisa que nos separava muito dos intelectuais universitários “linha dura”. Eu me lembro que um dia, no *Programa do Jô*, o Jô soltou um negócio: “cultura de fascículos”. A primeira vez que eu encontrei com ele eu disse: “Jô, você já leu um fascículo alguma vez na vida?” Ele disse: “Já, li vários”. Então você está falando besteira. Você viu quem são Sérgio Buarque de Hollanda, Antonio Candido, Boris Fausto...

AE: Marilena Chauí também.

OF: O principal time de intelectuais brasileiros trabalha para nós. Você vai me dizer que isso aí é inferior ao que vocês dão na universidade? O que significava isso? Significava que era o velho preconceito mandarim, de que aquilo que é apreciado por todos não deve ter muito valor. Se é para todos, não é bom. Só para os poucos e para os raros é que é bom, que, aliás, é o começo do livro *O Lobo da Estepe* do Hermann Hesse, que também foi um livro que teve uma enorme influência sobre nós, que é “para os poucos e para os raros”, a dedicatória. A visão da Abril, evidentemente, era contrária a essa, que é a visão da Biblioteca. A Biblioteca é para todos, cultura é para todos. A visão da universidade, de alguma forma, é uma visão mais restritiva. Ela não gosta de divulgação de cultura porque acha que divulgar é diluir, o que não é necessariamente verdadeiro. Veja: a obra do Bertrand Russell, quando não está escrevendo matemática da mais fechada, está escrevendo divulgação. *A História da filosofia ocidental*, os *Ensaios impopulares*, aquilo tudo é para o povo. Por quê? Bom, porque ele era ótimo, porque ele era um intelectual de altíssima qualidade que sabia escrever para o povo. É isso. Eu acho que eu não sou tão bom quanto ele, mas, enfim, era isso que a gente pretendia fazer, divulgação em larga escala, de boa qualidade, para o povo. Não é à toa que, quando eu fui parar no governo, eu passei oito anos abrindo bibliotecas. Porque eu acho que é a melhor coisa que a gente pode fazer. A melhor coisa que a gente pode fazer para a cultura geral do povo é ampliar o número de bibliotecas no Brasil: escolares, públicas, comunitárias, privadas – as empresas devem ter bibliotecas. Hoje eu acho que São Paulo precisaria de umas vinte ou trinta bibliotecas municipais como ela foi: um



grande centro de atrair estudantes, intelectuais e curiosos. E gente comum. Nós estamos com um sistema de bibliotecas no metrô, eu não sei se você já viu...

AE: Aquelas máquinas?

OF: Não, não. Aquilo ali é para venda. Aquilo é venda. Aquilo é um sistema italiano de venda de livros – boa ideia! – mas aquilo é um negócio. Nós abrimos, nós eu quero dizer, o Instituto Brasil Leitor... Bom, deixa-me começar o seguinte, quando eu estava no governo ainda, por alguma razão eu pensei o seguinte: na hora que eu sair do governo esse programa de bibliotecas vai acabar, como acabou. Por quê? Porque é assim mesmo, porque os programas do governo dependem do sujeito que toca aquele programa. Se o outro não quer fazer, não faz. Então, de alguma forma, ele morreu. Continua-se abrindo bibliotecas, só que não é mais o governo federal que está fazendo isso, são os governos estaduais, mas continua-se abrindo. Mas eu percebia que, se a gente não tivesse uma instituição privada para tocar isto, isso não teria continuidade. Então nós fizemos o Instituto Brasil Leitor, que na verdade somos eu, a Ruth Rocha, o William Nack, a Ruth Cardoso. O Gil foi um dos fundadores, depois ele saiu, mas ele estava no começo, foi um dos fundadores. A nossa ideia era fazer um instituto voltado para a ampliação do número de leitores no Brasil, que criasse políticas para a ampliação do número de leitores no Brasil. No fim nós voltamos à mesma história: o melhor a fazer é abrir bibliotecas. Então nós abrimos bibliotecas em municípios – basicamente para municípios – mas não administramos as bibliotecas dos municípios: implantamos, treinamos, mas a biblioteca é deles. Agora nós temos as nossas próprias, que são bibliotecas do sistema de metrô. Em São Paulo nós temos na Luz, no Paraíso – que foi a primeira – Itaquera, Cidade Universitária e Tatuapé. Nós queremos chegar ao ponto de colocar uma biblioteca em cada estação. Abrimos já... No Rio, temos uma. Estamos abrindo em Porto Alegre, estamos abrindo em Recife e vamos abrir em Brasília. Em todos os sistemas de metrô, nós queremos botar uma biblioteca circulante, que tem que ser a mais fácil possível. Na verdade eu não inventei nada, eu copieei do Chile. E isso é uma coisa curiosa, a biblioteca de metrô falhou em Paris, falhou em Toronto, falhou em lugares com tradição de leitura. É porque os chilenos descobriram uma coisa importante: a



mesma pessoa que no metrô não aguenta 30 segundos de espera, é uma pessoa que, quando chega em casa e liga a televisão, aguenta que uma novela seja interrompida e pega quinze minutos de anúncio. É a mesma pessoa. É que no metrô ele não aguenta, no metrô tudo tem que ser rápido. Os chilenos perceberam isso, então eles fizeram assim: é um sistema no qual – vai olhar a nossa biblioteca – na vitrine, os livros estão assim: os livros mais saídos estão colocados de chapa, para o sujeito passar o olho e escolher aquele. Ele tem uma carteirinha, que ele precisa apresentar a carteira de identidade e um comprovante de residência. Não paga nada, ele tira o livro na hora. Para devolver também, ele enfia num *blockbuster* ali e resolve – nós mesmos botamos o livro de volta. Então, a operação leva um minuto. Funciona porque é rápida. O sujeito pode levar o catálogo para casa e procurar o que ele quer, mas, se ele quiser procurar ali, ele pode também. Em São Paulo nós já temos 36 mil inscritos nesse sistema de bibliotecas, que é totalmente gratuito. Uma boa parte deles são populares, *C, D*. Voltamos de novo ao mesmo perfil, que era o nosso perfil de fascículos. Outro dia encontrei uma menina lendo Nietzsche no metrô. E era jovem, devia ter quanto?, 18, 19 anos. Essa menina nunca ia ler o Nietzsche, nunca ia descobrir o Nietzsche na vida dela, só descobriu porque botamos uma biblioteca no caminho dela.

Agora em Brasília aconteceu uma coisa importante: teve um açougueiro, que quando eu estava lá, eu o ajudei, porque ele fez uma biblioteca dentro do açougue. Ele é um leitor e ele fez uma estante dentro do açougue, para os fregueses. Agora, eu preciso ir lá ver isso: ele montou um sistema de empréstimo de livros nos pontos de ônibus. Em todo ponto, o sujeito tem uma caixa na qual ele pode escolher os livros – que é o mesmo sistema nosso, só que voltado para os pontos de ônibus. E nós temos que ampliar isso, porque os leitores não conseguem mais ir às bibliotecas, as bibliotecas têm que ir aos leitores. Nós temos que estar no caminho deles. As pessoas gastam oitenta minutos por dia para chegarem a algum lugar e oitenta minutos para voltar. Eu fiz uma biblioteca no Jardim Ângela, quando eu estava no governo e houve um ataque geral das ONGs⁵ na direção do Jardim Ângela, que era o pior lugar do mundo para se viver - hoje não é mais o pior lugar do mundo – e nós fizemos algumas bibliotecas lá, basicamente em igrejas evangélicas.

⁵ Organizações não governamentais



Mas quando eu conversava com as pessoas, eu percebia o seguinte: aquele cara tinha viajado muito durante o dia inteiro e não ia gastar mais meia hora dentro do bairro dele para ir até uma biblioteca e voltar, não dá. Você está pedindo demais para o sujeito. Então tem que estar no caminho dele, tem que estar no sistema de transportes. É o jeito para conseguir chegar a essa população.

Eu acho que nós podemos ampliar significativamente o número de leitores no Brasil se a gente tiver políticas voltadas para a vida dessa gente, como eles vivem. Eu vi casos de ascensão social através da leitura, inesquecíveis. Eu me lembro, por exemplo, de um... Eu comecei na Abril como redator. Quando eu saí e fui para rua, eu comecei escrevendo artigos de divulgação científica. Aí virei editor, depois virei diretor. No fim eu dirigia pesquisa de mercado para produtos da Abril. Eu passei uns três anos pesquisando o nosso público, quem nos comprava. Qual era a motivação fundamental? A motivação fundamental era a ascensão social dos filhos. As famílias que compravam as nossas coleções compravam para permitir a ascensão social dos filhos. Então eu me lembro de um cara que era um chofer de táxi, motorista, que todo dia voltava para casa e dava um dinheirinho para o filho que tivesse decorado dez palavras do dicionário, com o significado. Ele queria que os filhos dominassem a Língua Portuguesa. Onde é que está a Língua? Está no dicionário, ele inventou sozinho. Tinha um outro que era um motorista de ônibus – e motorista de ônibus é uma profissão dura, o cara passa o dia inteiro naquele negócio – aí voltava para casa e via os filhos na televisão. E era uma coisa que mexia com ele porque ele sabia que os filhos estavam “emburrecendo”. Então ele comprava a *Conhecer*. Aí ele descobriu que a única coisa que podia tirar os filhos da televisão era ele ler *Conhecer* com os filhos. Então ele chegava em casa, cansado, abria a *Conhecer* e lia com as crianças. Quando nós o entrevistamos, ele disse que ele mesmo tinha se interessado muito, *Conhecer* era muito bom. Ele descobriu um monte de coisas lendo *Conhecer* para os filhos, e a intenção era fazer os filhos lerem. Era isso.

Por detrás de tudo sempre havia essa motivação dos pais que era a ascensão social dos filhos através da leitura. Quem é “Seu Doutor”? “Seu Doutor” era alguém que está com o livro embaixo do braço. É essa a consciência. A imensa maioria dos pobres acha que escola basta. Uma elite de pobres sabe que a escola não basta, que é necessário mais, que a competição vai ser mais brava que esta. É uma elite



dos pobres, era para eles que a gente estava trabalhando. Mesmo essas bibliotecas do metrô são isso.

Eu percebo que as bibliotecas precisam se animar. Uma coisa que me deixou desanimado foi perceber o quanto o sistema de bibliotecas no Brasil estava morto – morto não, em coma – e sempre dependia de alguém, que era o Diretor. Existe uma pessoa, uma personalidade, que é o cara – o Sérgio Milliet – o cara que assume aquilo, resolve tocar, trazer a juventude, mexer com aquilo. Na medida em que as bibliotecas se mexem, há uma afluência popular. Na medida em que as bibliotecas se tornam burocráticas – “tira a mão daí, menino” – imediatamente, é claro, o jogo de futebol é mais interessante. Olha, para ver como é que biblioteca é vista: eu estudei no Pasteur – que eu repito, é um excelente colégio – e toda vez que eu armava alguma me mandavam de castigo para a biblioteca. Mal sabiam que, para biblioteca, eu até preferia. Mas tinha hora que estava todo mundo jogando futebol, lá embaixo, e eu... Agora veja: associar biblioteca com castigo; pode-se imaginar coisa mais imbecil? Para o atual Diretor do Pasteur: pode-se imaginar coisa mais imbecil que essa? Era para desanimar em relação à leitura, claro. É uma visão errada que as pessoas têm da cultura como dever, não como prazer.

AE: Senhor Ottaviano, já que tocou na questão do Instituto Brasil Leitor, de quando é o instituto, como é que funciona financiamento para fazer essas bibliotecas?

OF: O Instituto foi fundado quando eu ainda estava no governo – no segundo governo do Fernando. Foi no segundo ano do segundo governo, mais exatamente. Mas não me lembro exatamente agora qual era o ano – eu já estava com o programa de bibliotecas e estava andando bem. Nós estávamos fazendo uma biblioteca por dia. Mas veja: eu hoje gostaria de andar pelo interior e saber o que aconteceu com essas bibliotecas, gostaria de vê-las. Porque nós fizemos em torno de oitocentas bibliotecas novas e recondicionamos mais umas oitocentas, que estavam mortas. Isso significa que eles recebiam três mil livros, algum treinamento, equipamento básico, era tudo coisa desse tipo. Eu descobri que não se deve dar dinheiro para prefeitura, o dinheiro some. Tem que dar coisas, tem que dar uma biblioteca, um treinamento, tem que dar coisas, não pode dar dinheiro. Os prefeitos



descobriram que biblioteca era um grande negócio. No primeiro ano eu só consegui fazer uma meia dúzia porque não havia interessados, os prefeitos não estavam interessados em bibliotecas. Quando eles descobriram que a biblioteca dá uma belíssima inauguração, que todas as professoras iam, que os alunos iam, que a população gostava, a biblioteca virou uma... Teve fila na porta para fazer biblioteca. Mas acontece o seguinte: existe um sistema nacional de bibliotecas no Brasil, que é totalmente injustiçado. Primeiro: antes ele pertencia ao Instituto Nacional do Livro, que era dirigido até pelo Murtinho, que era um homem de bem e um intelectual sério, e que se esforçava, mas se esforçava muito. Mas aí, com o Collor, o que acontece? Ele extingue todos os órgãos da cultura. Os cariocas conseguiram salvar o Sistema Nacional de Bibliotecas, inserindo-o dentro da Biblioteca Nacional. Criou-se, dentro da Biblioteca Nacional, um Departamento Nacional do Livro e, dentro do Departamento Nacional do Livro, se colocou o Sistema Nacional de Bibliotecas que não tem orçamento. Ou melhor, tem, mas é ridículo, serve para eles continuarem vivos. São Paulo nem está ligado ao Sistema Nacional de Bibliotecas porque tem muito mais recursos do que aquilo que eles podem dar. Isso mostra o quanto o sistema não existe. Olha, se não se criar um Sistema Nacional de Bibliotecas para valer, que está encarregado não só do treinamento, mas como da expansão e manutenção do sistema nacional bibliotecário, vai ser difícil. Porque esperar que o prefeito faça isso? Prefeito tem que fazer uma ponte! Prefeito não vai querer. Prefeito quer obras, prefeito não quer bibliotecas. É uma elite de prefeitos que quer bibliotecas.

Nós temos que seguir o México. O meu programa foi copiado em boa parte..., o que é bom. É que nem o Chile, tem que copiar o que já existe de bom. O México tem um sistema. Eles chegaram à seguinte conclusão: eles vão lavar pratos para os americanos o resto da vida se eles não conseguirem melhorar o nível da população, claro. Então, como é que se melhora o nível de leitura: botando uma biblioteca em cada escola. Eles não tinham recursos para isso, mas eles podem fazer uma biblioteca a uma distância equivalente a algumas escolas importantes. Eles fornecem a biblioteca pronta. O Ministério manda para eles uma biblioteca inteira, com todos os vídeos de treinamento, com tudo! O que eles têm que fazer é desmontar a biblioteca e colocá-la em funcionamento. Por quê? Porque quando eles



começaram, eles sabiam – é que nem o Partido Comunista – eles sabiam que em qualquer cidade do México, ou melhor, em qualquer bairro do México tem um homem do PRI, do Partido Revolucionário Institucional – que é um nome engraçadíssimo, porque eu nunca ouvi falar de revoluções institucionais – mas o fato é que tinha um cara lá, que é um funcionário do partido, que aperta o prefeito, que é alguém que se encarrega disso: que vai lá e faz isso – aquilo que o PT⁶ deveria fazer e não faz, eles estão preocupados com outras coisas – mas isso botou o sistema funcionando porque botou alguém que era alguém que está o tempo todo indo à biblioteca e vendo se a biblioteca está funcionando, se a meninada está indo, tem que prestar atenção!

Nós precisaríamos de uma coisa equivalente. Por outro lado, nós não temos PRI – também não é necessário, eu acho que se... Nós precisaríamos simplesmente ter um governo. Antes de tudo eu acho que o sistema de bibliotecas tem que sair do Ministério da Cultura, porque não adianta nada você ser sócio de um morto de fome. Você tem que ser sócio de rico, tem que ir para o Ministério da Educação, tem que ir para um lugar onde há muita grana e aí você pode batalhar essa grana. Agora, a Biblioteca Nacional, eu fazia milagres para salvar para eles trinta mil reais, quarenta mil e, no fim, ainda por cima era comido no caminho por algum... A Biblioteca Nacional tem oito milhões de volumes, que nem sequer estão completamente classificados. Nós fizemos uma estatística uma vez lá – o Eduardo Portela fez – e nós precisaríamos de um exército de digitadores durante dois ou três anos, para conseguir pegar os arquivos do Conde da Barca, que ainda estão escritos à mão pelo seu bibliotecário em “mil setecentos e oitenta e tantos”, à mão. Eu vi essas fichas. Para achar aquilo... Você imaginou? Hoje a biblioteca precisa de um investimento enorme – trata-se de um patrimônio da humanidade. Das cinco Bíblias do Gutenberg que existem no mundo, duas estão lá – te diz tudo. O *Tratado da Esfera* do Sacrobosco, que não existe em lugar nenhum do mundo, está lá. Eles até editaram – a UNESP⁷ editou. Então veja: eles precisam de muito dinheiro, eles precisam de um ministério forte e eles precisam do apoio das organizações da sociedade. As bibliotecas não funcionam. Você vai para os Estados Unidos, você vê

⁶ Partido dos Trabalhadores

⁷ Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho



o que é a biblioteca municipal local. É uma coisa muito frequentada, a biblioteca é um centro de informações para qualquer coisa. As pessoas querem saber alguma coisa, vão para a biblioteca, porque eles usam todos os recursos da biblioteca, inclusive a internet. A biblioteca é um centro de informações. As nossas deixaram há muito tempo de ser isso. Teve uma época que elas foram um grande centro animador, agora elas ficaram para trás, eu acho que a internet está comendo as bibliotecas, mal. Porque – você está falando com um usuário total da internet, eu uso a internet para tudo – mas ela nunca substituirá uma biblioteca de papel, é impossível. Trata-se de dois universos diferentes. O Bill Gates sabe disso tão bem que ele não deu computador para os filhos, ele deu livros. Ele disse que os filhos dele iam chegar no computador quando tivessem aprendido a ler em livros, e com toda a razão. Veja, o Bill Gates! Então não é alguém que está oposto à internet. Eu não acho que é uma revolução cultural, mas acho que é a criação de uma instituição, isto é, o Brasil precisa de uma forte instituição do livro. Hoje esse Plano Nacional do Livro e da Leitura – que o Castilho está lá em Brasília – eu acho que é um começo. Pela primeira vez o Ministério da Cultura e o Ministério da Educação se colocaram de acordo e fizeram uma instituição única para tomar conta disso. Então já é um grande progresso. Agora, eles vão precisar de grana, precisar de financiamento e precisar de fé. A fé só vem dos sucessos. Se você tiver sucessos, você terá fé. Se você tiver um rosário de fracassos você vai virar um funcionário deprimido, como a imensa maioria. Olha, eu vi funcionários deprimidos virarem otimistas - basta pouco, basta pouco. Mas esse pouco tem que ser dado. Alguma coisa tem... Não pode abandoná-los completamente. O sistema está abandonado, essa é que é a verdade.

AE: Senhor Ottaviano, e com relação à experiência da Colômbia, da...?

OF: Venezuela e Colômbia são dois importantes, viu? Porque eles conseguiram fazer sistemas avançados mesmo e eu acho que tem a ver com a força política. Primeiro: na Venezuela, foi a mulher do Presidente. A mulher do Presidente que tocou aquilo tudo, e deu certo. Você vê que a ALALCA⁸ é criação deles. Eu não

⁸ Associação Latino-Americana de Livre Comércio, criada em 1960.



simpatizo nada com o Chávez, é mais um peronista na América, mas ele parece ter mais simpatias pelos livros do que o Perón, em todo caso, porque ele realmente deu uma boa melhorada no sistema de bibliotecas. É verdade, os bibliotecários, eu falei com eles, e eles estão mais entusiasmados. Isso é uma coisa que não sai no jornal, mas é um fato.

A União Soviética tinha um sistema bibliotecário excelente, mas profundamente censurado. Era excelente porque qualquer marceneiro na União Soviética conhecia química, mas sabia muito pouco a respeito da União Soviética. Esse que é o grande problema. Eu não sei como é que vai acabar o negócio do Chávez, mas – tenho minhas sérias desconfianças – mas eu acho que nós tínhamos que fazer bibliotecas autônomas, nós, e tem que ter a participação da sociedade. A experiência mundial, pelo menos a europeia e a americana, mostram o seguinte – eu não sei os chineses, os indianos, eu não tenho a menor ideia, o mundo é muito vasto – mas certamente na Europa e nos Estados Unidos a participação da comunidade é muito importante para a biblioteca ir para a frente. É muito importante. Como organizá-la? É a partir dos leitores da biblioteca, não há outra gente que possa fazer isso. Isso eu acho que de alguma forma precisaria ser institucionalizado, como foi institucionalizado o Serviço de Pais e Mestres, alguma coisa desse tipo.

AE: Senhor Ottaviano, naquele programa *Provocações*, do Antonio Abujamra, que o senhor deu uma entrevista, o senhor fala que uma civilização moderna é uma civilização de leitores. O senhor podia dar uma...

OF: Isso é uma grande ilusão que foi criada pela... O comércio, nós somos a civilização do comércio, claro, a civilização das mercadorias, é isso que toca esse mundo. É aquilo que o Marx condena no primeiro capítulo. Agora, uma civilização desse tipo, inevitavelmente, é uma civilização da excitação, não é do pensamento. É do “frufu”. Tanto que existe aquela famosa teoria que vem da publicidade, que é: “Uma imagem vale mais que mil palavras” – me diz isso numa imagem, me fala isso numa imagem, eu quero ver uma imagem que valha mais que... uma imagem. É impossível. Você tem que dizer uma frase para fazer isso. Claro que a imagem tem uma enorme importância. Eu via a arte moderna nas edições da Skira, e tinha uma



vaga ideia do que era, eu acabei vendo em Paris, não havia impressos. A divulgação colossal dos impressos permitiu que você conhecesse a arte moderna, diretamente, sem sair de casa. Ótimo. Mas isso não quer dizer que vivemos em uma civilização da imagem, quer dizer que vivemos em uma civilização que tem uma técnica ótima para reproduzir imagens. Ponto. Não quer dizer mais nada. E é ótimo, é bom conhecer imagens. Agora, quem dirige esse mundo são as pessoas que são capazes de ler e escrever. A criança que não – agora a Maria Helena acabou de introduzir um reforço de leitura na quinta série, porque nas quintas séries ninguém é capaz de ler duas frases seguidas, ou melhor, metade da classe não é capaz de ler duas frases seguidas sem perder o sentido. Então tem que ter um reforço mesmo, tem que ter um reforço de alfabetização e de leitura importante, tem que criar a hora da leitura dentro das classes, para que a meninada possa fazer aquilo que eu fiz na biblioteca: ler à vontade e gostar de ler. Porque senão, se ele não ler, ele é incapaz de fazer a escola. A escola é essencialmente um sistema de letras, tudo na escola é aprendido através da escrita. A escola é um grande clube para as crianças – as crianças fazem amigos, gostam – mas isso não é escrita, claro. Mas isso ele pode obter em um clube, ele não precisa da escola para isso. A escola é outra coisa: a escola é aquele lugar onde ele adquire a capacidade de obter conhecimento por escrito, também com imagens, mas essencialmente por escrito, articulando frases com frases e sendo capaz de ler uma página inteira de texto, entendendo o que está escrito e não continuando a ler que nem um papagaio e perdendo o sentido na terceira frase. A escola é essencialmente um lugar baseado na escrita e é também o lugar da ascensão social. Você entra para as elites nos países civilizados através da escola, não basta ser filho de alguém. Você pode ser filho de alguém, mas se você for um analfabeto você está perdido. Você sobrevive por um período, depois vão te comer vivo, aqueles que são capazes, claro. Porque a civilização das mercadorias busca a eficiência e a eficiência está baseada na capacidade de ler e de manejar números. São as duas capacitações que servem para tudo, para absolutamente tudo. Nós estamos muito mal. As nossas crianças têm dificuldade de fazer soma com vírgula, soma! Divisão com vírgula, raiz quadrada, esquece – bom, raiz quadrada eu também não extraio, uso máquina. Mas extraí, aprendi um dia a fazer aquilo no lápis, depois esqueci. Mas a verdade é que aquilo me fez pensar



matematicamente, coisa que se eu nunca chegar a isso, então não adianta nada, tem que chegar a produzir números e letras, senão não adianta nada. Agora, o que vai acontecer com a questão da leitura? A leitura é mais importante ainda que números. Veja: a mãe que quer educar o filho a ir bem na escola, ela tem que saber ler; o advogado que precisa escrever aquele "leagalês" deles, que ninguém entende, mas eles entendem, ele precisa ler e escrever; o artista que precisa produzir uma obra, ele tem que escrever um projeto. Hoje em dia, no Sistema Nacional de Empregos, que são mais ou menos cinco milhões de empregos em oferta por ano, mais de setecentos mil não conseguem porque não conseguem preencher os formulários. E eu me defrontei com muito artista – que eu conhecia pessoalmente – que aparecia no Ministério apavorado por causa dos formulários da *Lei Rouanet* – que são uma bobagem: onde você nasceu, quanto você ganha... Mas não é capaz de preencher duas folhas disso? Não são capazes. Eles ficam paralisados de medo diante de um formulário. Bom, mas é impossível, uma sociedade educada não pode ir para frente sem preencher formulário, tudo é formulário.

Na verdade tudo isso significa formação de grupos. Porque na verdade é uma espécie de autoeducação, a biblioteca é um lugar de autoeducação, não é uma coisa que você faz sozinho, sempre. A mãe que tem que ler para o filho, formulários; operários que têm que ler manuais – manuais eu também não consigo ler, eu não sei quem escreve os manuais. Aí o problema não são os leitores, são os autores dos manuais. Os manuais no Brasil são escritos..., eu não sei quem escreve. Eles são escritos por técnicos que evidentemente não sabem se exprimir. Eles só sabem se exprimir por outros técnicos, eles não são capazes de se exprimir para mim. Que obrigação tenho eu de entender qual é o vetor, fator, de uma porcaria de um celular? Eu não preciso ler aquilo tudo. Eu tenho que saber é onde aperta. A forma como está expresso aquilo é uma forma iletrada, porque não leva em consideração o letramento do outro - parte das suas próprias deficiências.

A nossa civilização hoje é uma civilização da escrita. Isso tem uma história: a civilização nasce da escrita, não nasce do fogo, não nasce da roda. Os Astecas eram civilizados e não tinham roda, os Incas eram civilizados e não tinham roda; o fogo nasceu muito antes da civilização. A civilização nasce de duas coisas: da agricultura e da escrita, porque a escrita permitiu administrar a agricultura. É



impossível ter uma civilização agrícola se você não for capaz de fazer as contas, somar. Os Incas não tinham escrita formal, mas tinham os *quipos*, e os *quipos* eram uma escrita, eram uma contabilidade na qual eles mantinham aquilo funcionando. Eles tinham astronomia e para tudo isso precisa escrever, e sem astronomia você não tem plantação, você não é capaz de prever as estações e daí por diante. O conhecimento por escrito está associado à agricultura e a combinação desses dois é aquilo que a gente chama de civilização. Só que as velhas civilizações precisavam de um pequeno número de leitores escritores: os administradores, aqueles que administravam. O resto – o camponês – ele só precisava que você dissesse a data para ele, e quem calculava a data era outro. Ele só precisava saber a data. Ele precisava saber como fazer, ele precisava do saber tradicional. Os intelectuais eram aqueles que pensavam a sociedade, a ciência, a literatura. Acontece que a civilização industrial tornou todos nós produtores, todos nós administramos, inclusive a nossa própria vida. Qualquer um de nós tem que fazer *cash-flow*, fluxo de caixa dos seus custos de casa. Administrar uma família requer saber ler, escrever e pensar. Você não vive mais, apenas, do *kuraka*, do local que diz “tanto de arroz e o resto de...”, não, fazemos tudo nós. Tudo: a conta do supermercado, qualquer coisa. Na verdade qualquer coisa hoje requer uma capacitação para a escrita e para os números. Você não consegue ser cidadão sem isto. Então, aquilo que era antes uma especialização de intelectuais que atendiam os agricultores – cadê os agricultores? Os agricultores hoje são mecanizados. Por que eu acho graça na história toda do MST⁹? Porque reforma agrária nós deveríamos ter feito nos anos 1950, quando eu era jovem. Nossa geração falhou. Agora a concentração do campo, não dá mais para voltar atrás. Voltar como? O Brasil vive dessas exportações. Não há o que se fazer, ninguém mais está no campo.

Eu conheci o MST porque eu estive lá. Fiz bibliotecas com eles. Nenhum deles é agricultor. Eles não são agricultores, eles são cidadãos urbanos desesperados, de pequenas cidades. São aquilo que não cabe no mundo urbano porque a maioria deles são casais jovens, com filhos, e são analfabetos. Você percebia isso claramente. Então, é claro que eles têm que viver de alguma coisa, e eles querem viver da terra, é o que dá para fazer. Mas eles são um atraso, eles são

⁹ Movimento dos Sem Terra



um sinal do nosso atraso, porque esse tipo de camponês não existe mais em lugar nenhum do mundo - existe na China, na Índia, que lá é a grande maioria. Mas eles não são o futuro, eles são o passado. O futuro são aqueles caras que estão todos em volta de Goiânia, são pequenos proprietários, *gulags*, aquilo que o Stalin acabou. Pequenos proprietários, com eletricidade, com trator, com financiamentos etc., que empregam relativamente pouca gente e produzem muito. É isso que está sustentando o Brasil, claro. Por quê? Porque eles são letrados, porque todos eles conseguem ter um caixa, uma contabilidade, uma secretaria e conseguem tocar aquilo porque aquilo é uma empresa. É possível tocar uma empresa sem saber ler e escrever? Como? O mundo moderno é o mundo da escrita e o mundo dos números. Quanto mais cidadãos estiverem incluídos nisso, mais esses cidadãos terão renda. Prova: existe um medidor internacional da capacidade de ler. Isso não existia antes, mas foi criado pela Universidade de Princeton e pelo Ministério de Estatísticas do Canadá, e eles fizeram um teste que mede a capacidade de ler, em qualquer língua. Esse teste foi aplicado inclusive em japonês. Eu não consegui fazer esse teste aqui. A Maria Helena e eu – que naquele tempo estava no Ministério da Educação – nós fizemos muita força para fazer o teste aqui. Ela até chamou o cara, mas nós não conseguimos. Nós não tínhamos dinheiro, era um teste caro. O que esse teste mede? Esse teste diz que existem cinco graus de leitura no mundo. O primeiro grau é das pessoas que passaram pela escola, mas eles não sabem ler, é evidente que eles não sabem ler; o segundo grau é aquele que finge que lê, parece que lê, ele continua a ler, mas não está entendendo; o terceiro grau é quem fez um bom colegial, a média é um bom colegial; o quarto e o quinto grau são leitores especializados: leitor científico, leitor literário, leitor poético, leitor quantitativo, que também é uma forma de leitura, etc. Resultado mundial: no Brasil nós temos mais ou menos de 60 a 70% de analfabetos funcionais, principalmente aqui nessa área, dos caras que fingem que leem. Os Estados Unidos têm 20% de analfabetos funcionais, 20%, e a Inglaterra também. Os Estados Unidos – claro, imigração –, a Alemanha tem 14%. Os países escandinavos têm sete por cento de analfabetos funcionais. Se você considerar que 3% da população é disléxica, em qualquer país, então, são 4% de analfabetos funcionais na Escandinávia, sendo que 60% deles está nos graus quatro e cinco, são capazes de leitura especializada. Por que o operário sueco tem o

melhor nível de vida do mundo? Porque ele vale isso. Porque ele é capaz de ler a página científica do jornal, é capaz de ler a página econômica do jornal, tem a sua opinião política, porque ele é um cidadão pleno. O motivo é porque ele foi formado como cidadão, ele vale porque ele vale mesmo. No trabalho dele, ele é capaz de se adaptar a muitas circunstâncias. No trabalho, é capaz de entender, é capaz de estudar o problema e daí por diante. Isso é o que o torna um operário especializado de alto nível. Os nossos, imaginou? Contrata um pedreiro, aqui. Ele jamais fez algum curso de pedraria, mas nunca. Ele é um coitado de um ajudante de outro que também era um prático, que veio do campo e que quase que certamente é capaz de criar algum problema no teu encanamento. É por isso que ele vale pouco, esse é que é o motivo real. Qualquer capacitação da mão de obra e, portanto, qualquer elevação do salário real, tem a ver com o treinamento da mão de obra, com a sua capacitação básica: letras e números.

AE: E Senhor Ottaviano, experiências bem sucedidas que reverteram quadros de pobreza e analfabetismo, o senhor saberia dizer quais, na sua cabeça...

OF: Em quase todo o mundo, viu? Em quase todo o mundo. Se a Argentina não tivesse sido arruinada dos anos 1940 em diante por aquilo que eles chamaram de “Revolução Peronista” – mas que foi uma outra coisa, foi a ascensão social através da apropriação do Estado – mas se isso não tivesse acontecido... A Argentina saiu da Segunda Guerra Mundial mais rica do que os países europeus. Agora, o movimento de bibliotecas públicas na Argentina tinha começado em 1888, ano da abolição da escravatura no Brasil. Aqui ninguém sonhava com bibliotecas públicas e eles estavam organizando uma grande rede de bibliotecas públicas. Os anarquistas tiveram uma grande importância nisso, porque era espontânea, era a sociedade que estava fazendo e isso foi de alguma forma absorvido pelo Estado. Isso criou uma população letrada. Por isso é que eles eram ricos, Buenos Aires era uma grande capital européia. A primeira vez que eu fui parar em Buenos Aires eu era menino – foi em 1944, por aí, o Perón estava no governo – mas a diferença era enorme. O nosso homem do campo era normalmente analfabeto e uma boa parte da nossa população urbana era analfabeta, mas não havia analfabetos na Argentina, todos



eles eram capacitados. Claro que não é só a capacitação que cria a riqueza, as condições políticas também, as condições internacionais, tudo isso. Nós nunca tivemos um colapso como eles tiveram, não dá para comparar o Getúlio com o Perón, o Getúlio nunca jogou o país numa guerra civil. Você quer coisa pior para um país do que uma guerra civil? Não existe. O fato é de que a Argentina viveu em uma guerra civil permanente durante vinte ou trinta anos. É como na Colômbia, como você consegue dormir sossegado se você vai ser raptado na rua por uma...?, há um exército rebelde no país desde 1948. São coisas crônicas que... Não é só a leitura e a capacitação, tem que ter muita coisa, mas os países que se basearam nisso são os países que foram para frente, vide os escandinavos. A Revolução Russa teve para o século XX o mesmo papel que a Revolução Francesa teve no século XIX, foi o grande norte dos socialistas. Mas veja, o socialismo que deu certo foi a Suécia, foi a Noruega, foi a Holanda, foi a Dinamarca, foram os países escandinavos. Por quê? Porque, já no final do século, os Partidos Socialistas, que eram partidos trabalhistas, eram partidos que estavam envolvidos com a educação popular... O Partido Trabalhista Norueguês, que foi um partido que se opôs à entrada do país na Primeira Guerra Mundial, e assim que o Trotski abriu a Internacional Comunista em Moscou, aderiu, os dois grandes partidos socialistas aderiram à Internacional Comunista: o italiano e o norueguês... Eram partidos de massa. Os dois saíram depois de um ano porque os russos queriam ser donos de tudo. Mas eram partidos de massa que estavam promovendo a reforma social nos seus países, mesmo sem estar no governo. Em 1930 começa a revolução na Escandinávia, só que a Revolução de Estocolmo, veja, o que os suecos começaram? Os suecos fizeram, muito antes que os americanos, a Doutrina Keynes. Eles começaram a fazer o seguinte: em momentos de recessão o dinheiro dos impostos é jogado para o ativo da economia, nos momentos de vacas gordas, você cobra dinheiro para poder jogar na próxima. E aí você equilibra o sistema com isso. A famosa frase do Keynes: "Não adianta pensar a longo prazo, a longo prazo vão estar todos mortos. Tem que saber o que resolve para daqui a três anos". A Suécia era um país pequeno, provinciano, feliz para si própria. Ela influenciou a Noruega, influenciou a Holanda, influenciou a Dinamarca mas nunca exportou isso, nunca teve um partido revolucionário. Foi uma longa reforma. A última vez que o exército sueco atirou nos operários foi em 1930,



foi numa greve de mineiros, um ano antes do meu nascimento. Desde então, a Suécia teve um longo progresso permanente que o tornou o país mais rico do mundo. Revolução é isso. A revolução deles se baseou na criação de um grande partido de massa que está apostando na capacitação da população. Os próprios sindicatos se encarregaram de capacitar os operários, criaram escolas para si próprios e daí por diante. É um exemplo a ser seguido. Eu não sei se é possível pensar nesses termos em um país do nosso tamanho, porque a Suécia é do tamanho da cidade de São Paulo. Mas se você somar todos aqueles países nórdicos dá uns 45 milhões de pessoas mais ou menos no total, o que é um bom número de gente bem administrada. É possível fazer isso, mas provavelmente a partir de instituições locais. O Fernando Henrique tem uma teoria: ele acha que os partidos políticos estão liquidados. A longo prazo, os partidos políticos não vão ser mais, não vão repartir o Estado, os movimentos sociais vão substituí-los aos poucos. Já está acontecendo isso, de alguma forma. Porque ficou provado o seguinte: os partidos políticos tratam de si próprios, eles não tratam dos problemas dos outros, eles tratam dos seus problemas, que é uma forma de ascender socialmente.

Agora, quem representa os interesses difusos? O interesse da leitura é tipicamente um interesse difuso. É de todos! Então, ninguém melhor do que o Estado. A função do Estado é justamente tratar dos interesses de todos, os interesses particulares, cada um cuida do seu. Você pode até fazer movimentos particulares. O MST teria sentido na medida em que ele busca resolver o problema de algumas pessoas: algumas pessoas estão sem terra. Em princípio faz sentido, não é problema de todos, é problema deles. Agora, a leitura e a incapacitação com número é de todos, é um problema da nação. Em princípio o Estado deveria estar metido nisso até o pescoço. Não está. É possível resolver *à la americana*, por exemplo? Nos Estados Unidos nem existe sistema nacional de bibliotecas, nem existe. Existe o *National Endowment for the Arts* que de vez em quando dá um dinheirinho para as bibliotecas fazerem umas conferências, mas não tem nada disso. Quem sustenta as bibliotecas lá é a comunidade. Mas isso é uma história diferente. Veja a diferença entre a história do Brasil e a história americana: os ingleses, os protestantes ingleses – na verdade os radicais ingleses – vão para costa leste americana e a primeira coisa que eles fazem é uma paliçada – eles são



todos educados, eles são pequeno-burgueses e eles são professores, são pastores, são agricultores, são advogados, é tudo gente que lê – e a primeira coisa que eles fazem é uma paliçada para se defenderem dos índios e dos ursos, aí elegem o prefeito, elegem os vereadores e elegem também o professor, porque a escola também é uma coisa que a comunidade faz. A biblioteca nasce dentro disso, a biblioteca é a comunidade que faz. Ainda hoje, nos Estados Unidos, biblioteca e escola são um problema da comunidade. O Estado faz leis gerais, mas quem resolve o problema de cada escola são eles mesmos. É o país do mundo que tem mais programas de incentivo à leitura dentro da escola. Há um programa de hora da leitura em quase todas as escolas. O grande problema de analfabetismo funcional deles é o arrastão da imigração, é o grande arrastão da imigração, claro. Agora, eles partem da sociedade e a sociedade pede para o Estado. Aqui foi ao contrário, como é que começa o Brasil? Fomos descobertos em 1500 – descobertos é modo de dizer porque o Cabral sabia que isso aqui existia – mas só em 1530 é que eles chegaram à conclusão de que os espanhóis iam ficar com tudo e que eles precisavam começar a colonizar, as Índias não bastavam. Então mandam o Estácio de Sá e se cria Salvador. Salvador é criada assim: desembarcam o governador e sua família, 150 fidalgos com suas esposas e cavalos, e escravos, ferreiros escravos do Benin, quatro jesuítas da ordem que tinha acabado de ser fundada, tudo especialista. Não havia povo: havia oficiais, polícia, guerreiros, trabalhadores, governo, mas não havia povo. Eles fazem uma grande muralha, criam a catedral, criam a cadeia e a prefeitura e aí chama o povo. Depois que a cidade foi feita, aí começaram a chamar, mas como ninguém queria vir, mandavam todos os degredados para cá. Mas o Brasil foi feito pelo Estado, ele nasceu feito pelo Estado, todas as nossas cidades têm essa característica: a igreja no lugar mais alto, honra-se antes a igreja – isso eram ordens do rei – porque a Igreja era unha e carne com o Estado português, na verdade, era um instrumento do Estado português e, mundialmente, a Igreja era uma coisa só. O Brasil nasceu feito pelo Estado. Até hoje nós somos gente que espera tudo do Estado, nós achamos que o Estado deve tomar conta. Os americanos têm horror do Estado, eles acham que o Estado não vai fazer nada, quem vai fazer são eles, que é a iniciativa privada, que é a grana e que acima de tudo tem que ser rentável. É uma civilização das mercadorias levada a sério. Se



você pegar os europeus, você vai perceber que os europeus estão no meio do caminho. Os europeus, graças à grande influência dos partidos socialistas, se espera muito do Estado – mas também não se espera tanto assim porque todo mundo sabe quem são os socialistas, é um partido a mais. Todo mundo espera o Estado, mas também se vira por conta própria. Se você pegar o norte da Itália, hoje, por exemplo, é um lugar estranho no mundo. Porque, com exceção da Fiat – que é uma empresa falida e que é sustentada pelo Estado, paga deputado e todas essas coisas – do que vivem aqueles italianos? São famílias altamente qualificadas, que compraram um torno mecânico na Suíça – que é feito à mão – e que produzem peças para NASA. O que causou a unificação da moeda para eles? Causou uma grande desgraça. Porque antes eles vendiam dentro da Alemanha – grande indústria – agora os alemães preferem comprar da China, porque na China tem um grande número de famílias qualificadas, que compraram um torno e que estão fazendo a mesma coisa, só que mais barato. A diferença é essa. Agora, se você pensar bem, qual é a qualificação profissional daquela massa de italianos do norte? O sul da Itália é Brasil: tudo é esperado do Estado. Nápoles é o Recife, é o Rio, é isso aqui, é Salvador: uma cidade alegre, pobre, com um monte de morto de fome, muito crime, etc. Você vai para o norte, o norte é uma confederação de famílias altamente qualificadas, que tratam dos seus próprios negócios. O sul, todo mundo pedindo para o Estado. Somos nós, está certo?

O que vai acontecer conosco? Você não muda a mentalidade de um povo. Nós somos filhos do Estado e vamos continuar sendo, é assim mesmo. Mas há setores da população que estão crescendo, há organizações da sociedade que estão crescendo. Eu espero que o movimento da leitura se torne um deles, eu acho que nós temos boa chance dele. Não só porque o Castilho – espero – vai se esforçar lá para criar isso, mas porque eu acho que está crescendo na sociedade essa consciência. Cada vez mais a sociedade está percebendo que... Há um mito aí que a classe dominante queria manter todo mundo analfabeto, que é mais fácil... A classe dominante brasileira não é um bando de exploradores de bóias-frias. Esses são poucos. A classe dominante brasileira explora o trabalho de gente qualificada. O Lula teve que fazer um curso de torneiro mecânico porque senão não ia valer nada o trabalho dele. O trabalhador tem que ser qualificado. A classe dominante brasileira



está interessada, sim, na qualificação. Só que acha que é problema do Estado, como todo mundo. Acha que o Estado é que tem que cumprir com isso, a população também acha que é o Estado. Não adianta culpar os industriais, os comerciantes, não são eles. Mesmo entre eles está crescendo essa consciência. Tem muita empresa hoje que começa a fazer biblioteca para os funcionários. A Itapemirim, que usa o sistema de ônibus para transportar livros e faz biblioteca para os funcionários. Tem muita gente, são quarenta mil pessoas. Começa a crescer essa consciência. Eu acho que haverá um momento em que o Estado perceberá que é um bom negócio, do ponto de vista da imagem para ele, investir nisso. Acho que a gente tem que fazer força nessa direção para tua geração, porque para minha... a minha está acabando, já.

AE: Senhor Ottaviano, que ações o senhor acha que a Biblioteca deveria tomar para que ela redescubra essa vocação que ela teve?

OF: Tem que atrair leitores. A primeira coisa séria no Brasil que nós temos que fazer – as bibliotecas podem ajudar, mas não é um problema delas – é leitura na primeira infância. As bibliotecas que fazem leitura na primeira infância têm grande sucesso. Cada biblioteca tem que juntar um certo número de crianças, mas é uma coisa artesanal, não pode ser feita em larguíssima escala, não dá para fazer um Mobral, não é um grande órgão, é molecular, em cada biblioteca tem que se fazer isso. Porque a aquisição do hábito de leitura é anterior à capacidade de ler. As crianças começam a gostar de livros, a se interessar por livros e a entender a escrita quando ouvem lido. A criança ainda não sabe ler porque a estrutura do texto escrito é diferente da estrutura do texto falado. Se a gente transcrever o que a gente está falando, dá uma confusão. Agora, habituar-se a ouvir o texto escrito é a primeira entrada para o mundo da leitura e de gostar de livros, de ilustrações. E ter um mediador de leitura que goste de crianças, fundamental. Como é que se chamava aquela deputada do PT – que é uma mulher muito bacana, aliás, era uma gaúcha, ela fez umas mechas de uma cor diferente – é uma educadora, essa mulher era professora. Um dia ela me disse uma coisa seríssima: “Você pode ensinar aos professores tudo, menos a gostar dos alunos”. Esse é um problema seríssimo, você



tem que gostar da criançada, senão...

Existe um segundo ponto que é o seguinte: depois disso, é a implantação da hora da leitura na escola. Os países que criam leitores são todos países que têm um pedaço do horário escolar que é dedicado exclusivamente à leitura e ao gosto de ler. Ninguém é obrigado a ler o que não quer, só ler coisa interessante e é orientado para obter isso e isso é fundamental. A Biblioteca Municipal poderia certamente assistir a muitas escolas a criar horário de leitura para a criançada. A Biblioteca deveria ter uma política voltada para captar a meninada – me captou! Primeiro porque eu tinha vocação para isso, por causa dos pais; segundo porque eu estava a um quarteirão de distância. Agora, e aqueles que estão morando no raio que os parta, que tem que vir? Não sei.

Existe um segundo ponto que é o seguinte: programações inteligentes para adolescentes. Mesmo nos países onde os pais leem para as crianças, tem hora da leitura na escola, têm boas bibliotecas, quando você chega à adolescência, os leitores começam a ser perdidos, aqueles que foram adquiridos durante a infância, porque a cultura jovem é diferente. A cultura jovem foi inventada pelo comércio. Eu nunca fui jovem, eu fui criança e adulto. A minha maior aspiração aos quatorze anos era botar calça comprida e gravata, eu já era adulto. Isto é, hoje, os meus amigos com setenta anos, estão todos vestidos como garotos – eu não posso falar muito, porque eu também estou – mas é estranho. Mas quem inventou isso foi o comércio, foram as lojas, porque os jovens começaram a ter mesada, um dinheirinho no bolso, criou-se um mercado jovem que é essencialmente um mercado audiovisual. Os jovens são grupais, sempre foram. A gente se reunia para discutir literatura, os meninos hoje se reúnem para discutir música. Música e imagem: música, dança, imagem. Eu entendo isso, eu vejo isso com os meus filhos. É claro que a leitura fica de lado, a leitura precisa de companhia, precisa de incentivo, precisa de tempo etc. Então as bibliotecas têm um papel de atrair aqueles jovens que, tendo adquirido o hábito de ler, vão perdê-lo se continuarem alguns anos sem ler. A Biblioteca Mário de Andrade poderia fazer alguma coisa por eles, sim: atraí-los para a leitura ou para coisas interessantes relacionadas com a leitura, como discussão de autores, ou seja lá o que for. Criação de clubes de leitura de coisas que sejam interessantes para eles, tem que perguntar para eles do que eles gostam.



Outro, finalmente existe o serviço de leitura para adultos. Isso é uma coisa que as bibliotecárias tinham razão, elas ficavam danadas: bibliotecas que não eram escolares eram invadidas por alunos. A Biblioteca Nacional proibiu a entrada de estudantes, mas deu o maior escândalo no Rio. Mas eles tinham toda a razão: a Biblioteca Nacional não é para estudantes. Tem tantas bibliotecas para estudantes, eles têm que ir logo para a Biblioteca Nacional? A Biblioteca Nacional têm outras funções, ela não é para isso. Eu acho que tudo isso está mal dimensionado. Isso significa uma política nacional de bibliotecas, nós precisamos de uma política nacional de bibliotecas, associada a uma política nacional de leituras. Quando nós vamos obter? Quando eles forem capazes de se organizar. Eu me lembro que as bibliotecas do metrô, nós levamos seis anos para conseguir colocá-las funcionando para valer. Demorou, viu? Teve um grande investimento em verificar como funciona, trouxemos os chilenos aqui, dá trabalho fazer uma coisa dessas. Finalmente deslanchou, agora nós temos a fórmula, agora funciona. O que nós estamos obtendo? Olha, eu acho que nós estamos obtendo alguma coisa, sim. Porque nós estamos servindo essencialmente a uma elite de público, que não é só jovem, é também de adultos, de advogados, profissionais, psicólogos, coisas assim. Eu nunca tinha imaginado que a profissão de psicólogo estivesse tão proletarizada, mas está. É uma coisa curiosa, aconteceu com os Estados Unidos, que tem um consultório de psicólogos em cada esquina e custa baratíssimo. Mas eles também têm uma grande necessidade de leitura e nas nossas bibliotecas, curiosamente, há um grande número de psicólogos inscritos, gente que está no metrô. Nós estamos servindo a essa gente. Isso dá para ser expandido? Dá para ser expandido, e muito. Mas seria necessário, por exemplo, criar sistemas dentro das zonas altamente povoadas. Nós precisamos atingir as grandes periferias. É bobagem dizer que eles estão em São Paulo, eles não estão em São Paulo. Em São Paulo estamos nós. Eles estão no raio que os parta. É um lugar que leva muito tempo para chegar, é um lugar que não tem serviços locais, tem que fazer os serviços lá mesmo, tem que atingir a meninada lá mesmo e isso significa uma política nacional. O governo do Estado deveria ter uma política a esse respeito. Quem se mexe são os educadores. Perceba que a Maria Helena está fazendo um tremendo de um esforço. Desde sempre, desde que eu a conheço, ela trabalha nisso. Mas ela tem o serviço de

educação nas mãos, o serviço de educação tem recursos, tem dinheiro, tem gente. O serviço da cultura não tem. E eu me lembro que quando se criou o Ministério da Cultura, ele foi criado por acidente. Porque o José Aparecido precisava de um emprego, então arranhou-se – sendo que eu sou um admirador do José Aparecido porque ele fez muita coisa – mas o Tancredo precisava botar um ministro para... Tinha tanta gente e todo mundo queria ministério, então ele criou ministério de todos os tipos – enfim, o Lula fez o mesmo, não é nada estranho – ele criou o Ministério da Cultura porque o José Aparecido queria fazer uma frente nacional da Língua Portuguesa, o Brasil tem importância... Era importante. Na raiz desse acordo ortográfico, que tem importância para nós, as pessoas tendem a desprezar isso, porque acha que é só... Não é: o Brasil tem uma grande influência na África: Angola, Moçambique, Cabo Verde. Nós temos influência lá e Portugal também. Mas o número de brasileiros que vai para lá é muitíssimo maior do que o número de portugueses que vai para lá porque há muito mais brasileiros no mundo do que portugueses, só por causa disso. O resultado é o seguinte: a meninada – por exemplo, recentemente, o Ministério da Educação mandou para Angola 15 mil livros. Não puderam ser utilizados porque aquela meninada está sendo alfabetizada no português lusitano e nós mandamos do português brasileiro. O resultado é que eles não podem utilizar os nossos livros porque você não pode alfabetizar as crianças em dois alfabetos, não tem cabimento. Então é importante que o português seja unificado, do ponto de vista alfabético, inclusive porque a influência do Brasil pode se tornar maior lá fora. Mas para isso você não precisa criar um Ministério da Cultura, basta fazer um acordo com Portugal para que o Ministério possa fazer outras coisas. O Ministério foi uma espécie de concessão ao povo da cultura: aos literatos, aos pintores, aos bailarinos, aos músicos, aos teatrólogos, ao povo que faz cultura, aos profissionais da cultura. Então, o Ministério funciona assim, funciona para o povo da cultura, mas não funciona para a cultura do povo, que é outra coisa e muito mais importante. Porque ele é muito pobre para isso, dá para dar um auxílio para o teatro aí... Mas você já imaginou atender 180 milhões de brasileiros? Para isso você precisa de muito dinheiro, não é uma coisa que pode ser feita a partir do Ministério da Cultura, que é um ministério de mortos de fome – eu estive lá dentro, eu sei como é. Antes nós éramos uma Secretaria de Cultura do Ministério da



Educação. Nós éramos uma secretaria rica de um ministério muito rico. Agora nós temos um ministério pobre, separado e sem acesso nenhum às verbas da educação.

A primeira coisa é colocar tudo de volta para dentro do Ministério da Educação e dizer que a leitura é mesmo uma questão de educação fundamental do nosso povo e que a escola não basta, que isso tem que ser feito através de um ataque à cultura do povo, através de instituições básicas, sendo a biblioteca a mais importante, associada às escolas e daí por diante. Mas isso requer uma reforma administrativa e diminuir o número de ministérios. Não é para acabar com a *Lei Rouanet*, não. Esses palhaços querem acabar com a *Lei Rouanet*, mas a *Lei Rouanet* financia mais da metade do dinheiro federal da cultura. Se ele for cortado, seria um enorme desastre. A *Lei Rouanet* é importante para a criação de bibliotecas. Essas bibliotecas do metrô, por exemplo, cada biblioteca tem um orçamento próprio, financiada por um patrocinador. Nós não podemos ter um sistema de bibliotecas inteiro patrocinado por um, porque, se ele sair, o sistema cai. Então, quanto mais você dividir o risco de... Os patrocinadores saem. O patrocinador botou o dinheiro dele que é para botar a imagem e tal. Um dia ele chega à conclusão que ele prefere o esporte. Ele não é obrigado a nada, ele sai na hora, está certo? Nós temos um contrato que diz que ele paga até o mês tal, depois acabou-se. Já aconteceu e nós colocamos um outro porque ele não tem que pagar todo o sistema, ele tem que pagar um projeto único. Então ele tem que ser, inclusive do ponto de vista financeiro e contábil, ele tem que ser autônomo. A gente tem que saber as contas exatas daquele ponto, depois as contas exatas de todos os pontos e ir somando. Eu acho que desse jeito dá para montar um grande sistema, buscando patrocínios isolados para cada um. Em São Paulo nós temos três leis de incentivo fiscal. Hoje está começando a aparecer patrocínios sem incentivo fiscal porque, de alguma forma, as leis de incentivo fiscal acabaram acostumando os empresários de que eles podem ter vantagens de imagem sim e que é bom. Mesmo porque ficou difícil usar as leis agora. Mas nós temos uma lei municipal, temos uma lei estadual, e temos uma lei federal. As três são úteis e é melhor que um programa trabalhe com as três porque ele busca patrocinadores diferentes. Mesmo que uma biblioteca tenha três patrocinadores com três leis diferentes, se sai um, é um terço, não é todo. A questão é como manter o fluxo de caixa entrando dinheiro para pagar. Nós temos 170



funcionários, é muita gente e essa gente tem carteira assinada. Também não adianta trabalhar só com voluntários. Voluntário é alguém que trabalha durante um período da vida, durante um pedacinho da vida ele trabalha, depois ele vai tratar da vida dele. Geralmente ele é um jovem ou uma senhora aposentada – o meu caso, aposentado, posso fazer o que eu quero – agora, o sujeito que está em plena vida, ativa dificilmente ele é voluntário. Ele até pode ser voluntário de outra forma: ele dá um dinheirinho, alguma coisa ele faz, está certo? Ajuda, faz uma conferência grátis, se envolve... Existe esse voluntariado. Mas imaginar que todos os teus funcionários possam ser voluntários é um absurdo. Eles têm que ser profissionais, eles tem que se profissionalizar naquilo. Para isso, eles precisam de curso, precisam de salário, precisam de aposentadoria, precisam de tudo. É um trabalho. Então, manter um grande número deles funcionando significa diversificar as fontes de financiamento. Você não pode manter uma fonte de financiamento única, mesmo o Estado. O Estado não é garantia nenhuma. Amanhã o governante sai e ele muda, ele não é obrigado a pagar nada, a não ser... Eu vi, acho que ontem, uma loucura: a cidade de São Paulo está empenhada com o lixo, em um contrato de sessenta anos. Sessenta anos para quê? Quem faz um contrato de sessenta anos com uma empresa? O Estado? Tem uma maracutaia qualquer aí, é impossível! O Estado faz um contrato durante o governo dele, o outro que se vire! Isso mata as coisas porque isso vai parar no jornal... Repare: o Instituto não gasta um tostão em autopublicidade. Você não vai ver o nome “Instituto Brasil Leitor” em lugar algum. Mesmo nas bibliotecas do metrô, o que está é o nome do patrocinador, porque ele não vai fazer propaganda nossa, ele paga para fazer propaganda dele. O Instituto tem que estar atrás, ele não pode aparecer. Se você pegar, as maiores partes dos institutos que fazem grandes conferências reúnem todos os especialistas numa área, vão para o Maksoud e se reúnem, fazem três dias e sai no jornal, eles gastaram uma fortuna, eu faço três bibliotecas com isso. Eles estão investindo em quê, em si próprios? A sociedade não está pagando para isso, está pagando para que se faça um serviço. Então, quanto mais *low-profile* for a instituição, mais séria ela é, pode ficar certa disso.

AE: Senhor Ottaviano, para gente começar a encerrar a entrevista, que está sendo ótima, mas a gente tem que terminar, que livros o senhor indicaria para um adulto



que estivesse se iniciando na leitura e que livros que o senhor revisita constantemente, que fazem parte do seu dia-a-dia?

OF: Olha, vamos por partes. Para um adulto que está se iniciando na leitura, quer dizer, alguém que não tem o hábito de ler ou lê, mas gostaria de ler alguma coisa interessante, alguma coisa que concorresse com a televisão, existe um grande número de autores de *best sellers* que são inteligentes. Existe um grande número de *best sellers* que são idiotas, é verdade, mas existe um grande número de *best sellers* que são inteligentes. O Ken Follet, que eu acabei de citar, se você gosta de história, leia os livros do Ken Follet, você vai adorar. Leia o Mika Waltari. O Mika Waltari escreveu livros maravilhosos: *O Egípcio*, *O Etrusco*, você vai aprender muita história. Eu aprendi muita história. Eu entrei na faculdade sabendo muita história porque tinha lido o Dumas inteiro, eu sabia a genealogia de todos os Luíses franceses, porque, se você acompanhar os romances do Dumas, ele atravessa todo esse período. Então, existem livros de divulgação, livros de leitura fácil, os chamados *best sellers* que merecem ser lidos. Ao contrário do que dizem os intelectuais, eles merecem ser lidos, eles fazem o fundo da cultura geral. Agora, se você é um pouco mais sofisticado ou está esperando um pouco mais do que divertimento, está esperando profundidade, leia Machado de Assis, um dos grandes piadistas e ironistas do Brasil. O Machado de Assis é muito maltratado, porque ele é obrigatório no vestibular e tudo o que é obrigatório é chato. Mas ele efetivamente é muito engraçado, ele merece ser lido. Eu não vou te recomendar o Guimarães Rosa, o *Grande Sertão: Veredas*, porque é um livro que você precisa ler quarenta páginas para começar a entrar no espírito do livro. Depois você não consegue parar mais. Eu releio, porque eu acho aquilo fantástico. Agora, é uma experiência com a Língua, é uma coisa razoavelmente complicada. Mas eu recomendaria, além de um cara como o Machado, eu recomendaria, por exemplo, o próprio Érico Veríssimo. O Érico Veríssimo é o *best seller* brasileiro clássico. O primeiro livro d'*O Tempo e o Vento* é maravilhoso, os outros são mais ou menos. Aprende-se a história do Rio Grande do Sul, mas o primeiro é maravilhoso. Só a saga dos Caré, da Família Caré, merece ser lida.

Há um ramo de leitura que são os *best sellers* de qualidade. Existe outro que



são os clássicos. Leia Dostoievski. Machado de Assis é engraçado e faz bem para a digestão. Dostoievski faz mal para a digestão porque você fica afogado naquela literatura, porque é literatura do homem que traz muito o desespero do homem nisso. Agora, depois de ter lido *Os Irmãos Karamazov*, eu fiquei diferente, eu comecei a ver o mundo... Eu li o Freud depois de ter lido os *Karamazov*, e eu percebi que alguém já tinha pensado aquilo antes do Freud. Você vai encontrar em gente como o Dostoievski algumas grandes leituras, grandes escritores. Leia o Ítalo Calvino, que não é um *best seller*, mas escreve tão bem quanto os *best sellers*. Ele é um literato de alta qualidade e que vai te acostumar ao conto de alta qualidade. Leia contos. Os contos são uma forma de ler fácil e rápida. Leia os grandes contos. Existe um contista russo chamado... O cara que escreveu *Cavalaria Vermelha*¹⁰, que foi reeditada agora recentemente, traduzida pelo Jorge Amado. Mas leia, ele é um contista absolutamente extraordinário, um contista da alma. O *Cavalaria Vermelha* era um comissário político do Exército Vermelho, judeu, no meio de um batalhão de cossacos antisemitas. Imagina a situação do cara. Esse livro é um livro extraordinário. Você vê a Guerra Civil Russa, através desses contos, de um jeito que você não vai ver de outra forma.

Além disso, eu acho que existe um tipo de leitura que não é leitura literária, propriamente. A leitura literária é a mais ampla das leituras possíveis. E leia poetas, ninguém lê poetas. Mas leia Fernando Pessoa. Fernando Pessoa e Guimarães Rosa são os dois grandes monumentos da língua portuguesa no século XX. Não há nada que se compare com eles. Eles são artistas de nível mundial. Fernando Pessoa é um homem lido no mundo inteiro, traduzido para todas as línguas civilizadas e ele certamente é um homem profundo, Fernando Pessoa é um mar. Eu leio Fernando Pessoa há quarenta anos e ainda continuo lendo. Agora, além disso, existe um outro tipo de leitura que é leitura de autoeducação, que é muito desprezada sob o nome de autoajuda. Os livros de autoajuda em geral são picaretagem, são: “como ficar rico em dez lições”, “como não brigar com a sua mulher em dez lições”. Eu quero ver alguém ficar rico e não brigar com a mulher em dez lições. “Como educar seus filhos”, goste deles e ponto. Agora, existe um tipo de leitura, que é a leitura de divulgação. A leitura de divulgação científica de qualidade, a leitura de divulgação

¹⁰ O autor é Isaac Babel.



crítica de qualidade, essa é muito importante. Vou te dar um exemplo clássico, que é a matemática. Eu fui um péssimo aluno de matemática no ginásio, não entendia nada. Não entendia nada porque mudavam muito de professor e porque a matemática é uma coisa consecutiva, se você perder um pedaço você não consegue entender o pedaço seguinte; eu matava muita aula para ir ler o Dumas na Biblioteca Municipal, os motivos eram esses. Eu cheguei no colegial, eu estava mal: eu queria estudar ciências, era ruim, era ruim de conta. Eu li dois ou três livros que foram fundamentais para minha vida: um deles é de um matemático português e é um livro que eu recomendo – deve ter na Biblioteca Municipal – e chama-se *Conceitos fundamentais da matemática*, do Professor Bento de Jesus Caraça. Esse livro é de 1943. Ele é tão bom quanto os livros do Bertrand Russel. O Bertrand Russel escreveu um livro chamado *Fundamentos da Matemática*, que é um livro extraordinário, também. E o Lancelot Hogben, um inglês, escreveu um livro que foi traduzido para o português como *Matemática para milhões*, eu acho, e também é um livro extraordinário. Foram os três livros de matemática, e li os três na Biblioteca Municipal, no colegial. Eles me permitiram, de repente, dar um salto. Dar um salto em direção à matemática séria. E são livros de autoformação e são extraordinariamente agradáveis de serem lidos, ao contrário da média dos livros de matemática, que são muito chatos, esses são extraordinários.

Finalmente, se você é alguém que já é matemático, mas precisa dominar estatísticas, existe um livro de Allen e... Allen é um dos autores, o outro eu me esqueci, que se chama *Statistics: a new approach*, mas só existe em inglês. Esse livro, devido a essa lei idiota que impede de se xerocar livros que não estão no mercado e isso aconteceu quando houve... Bom, não vou entrar em detalhes, mas isso foi uma traição que nós sofremos. Uma traição dos editores, contra os leitores. Esse livro, “O novo *approach* da estatística”, eu o xeroquei ilegalmente – estou confessando, cometi um crime “Me processa, Plínio!” – são quinhentas páginas. Xeroquei-o na Universidade de Brasília porque a bibliotecária era minha amiga e dei para o meu filho. Esse livro foi fundamental para a faculdade dele, como sociólogo. Foi fundamental, porque ele aprendeu estatística, coisa que não é fácil, as pessoas têm dificuldade em aprender estatística. Esses livros são livros de cultura especializada, isso é cultura especializada em matemática. Como todo mundo vai



precisar de matemática, mesmo se fizer carreira de humanas – senão ele vai se sentir inferior de qualquer jeito. Leia os bons livros de divulgação. Um grande divulgador – recomendo todos os artigos dele, não recomendo todos os livros de ficção científica, não - Isaac Asimov. O Asimov tem uma coleção de ensaios, editado pela Record, que são aquilo que ele considera os seus melhores ensaios. Ele foi um dos grandes ensaístas da língua inglesa do século XX. Ele era professor de bioquímica da Universidade de Medicina de Boston, ninguém sabe disso. As pessoas pensam que ele era um doidinho que escrevia ficção científica, mas ele era um grande bioquímico. Esse cara escreveu alguns dos melhores ensaios de divulgação de ciência jamais escritos. É importante porque nós vivemos em um mundo cercado pela ciência. Esse mundo é obra da ciência, isso que está me filmando é um aparelho criado pela ciência. E eu tenho muito medo, no mundo de hoje, do avanço do irracionalismo que se disfarça de crítica da ciência. Crítica da ciência entrou na moda, a ciência, parece que é culpada de Hiroshima. Não foi o Truman que jogou a bomba atômica, foi o Einstein. Olha, não foi o Einstein, foi o Truman, está certo? A bomba atômica pode existir, mas quem decide isso, quem faz e joga bombas atômicas são os governos, não são os cientistas.

Na verdade eu acho que nós temos um problema sério: as pessoas têm grande dificuldade de entender a ciência; “as ciências”, porque são muitas. Entender a visão científica do mundo, que não é a visão completa do mundo. A ciência nunca declarou que sabia o que era o mundo, pelo contrário, ela declara que não sabe o que é o mundo, que ela está tentando descobrir. Quem sabe tudo são as teologias e os filósofos. Os filósofos e os religiosos sabem tudo, respondem qualquer coisa; os cientistas não respondem qualquer coisa, respondem só aquilo que eles sabem, aquilo que eles descobriram, que é pouco em relação ao que o mundo é. É muito pouco, mas é seguro. Há muito pseudocientista. É preciso conhecer ciência, inclusive para se livrar dos pseudocientistas. Toda essa turma da eugenia, tudo isso é pseudociência. O fato de o cara ser um grande cientista não prova nada. O James Watson, um dos caras que descobriu o DNA, descobriu a estrutura do DNA, é um típico pseudocientista. Ele é um cara que dizia que temos que estudar o genoma porque assim podemos acabar com os homossexuais. Isso é porque ele não tem homossexual na família, senão eu queria ver. Ele está falando a linguagem dos



terroristas. Mas isso não é a ciência, isso é a opinião de um idiota, que é um técnico. Ele mostrou quem ele é, ele é um técnico. Ciência é outra coisa. Leia o Asimov e leia os grandes divulgadores. Eu estou insistindo nisso porque eu percebo que é uma das fraquezas da nossa população, da nossa juventude, o desconhecimento das teorias científicas. Basta ver que todo mundo diz: “O Einstein mostrou que tudo é relativo”. O Einstein mostrou o contrário, o Einstein mostrou que a velocidade da luz é a única constante do universo. O nome “relatividade” é um nome muito infeliz, não foi ele quem deu esse nome, foram os jornalistas. Ele não disse que tudo é relativo, ele disse que tudo se relaciona com um fato absoluto, que é a velocidade da luz. Isso de dizer que o Einstein provou que tudo é relativo é uma besteira, ele nunca provou isso, ele disse o contrário. Isso é má ciência. É a cultura de orelha, evite a cultura de orelha e informe-se, as bibliotecas servem para isso.

AE: O senhor quer colocar mais alguma coisa, senhor Ottaviano?

OF: Você quer que os seus filhos tenham bons empregos, bons salários e possam viver bem, e tenham principalmente uma vida inteligente, uma vida da sensibilidade? Faça seus filhos lerem desde menininho: “É de pequeninho que se torce o pepino”. Você quer fazer alguma coisa pela sua família, faça seus filhos lerem: pegue uma parte do seu tempo e leia para eles antes de dormir; dê livros bonitos para eles; comente esses livros com eles; mostre a eles como você está interessado nisto. Quando eles tiverem 18 anos, eles vão entrar no vestibular com muito mais facilidade que os outros, vão fazer os concursos com muito mais facilidade, tudo! Porque a capacitação para a leitura é a capacitação mais geral que existe.

AE: Ok, senhor Ottaviano, muito obrigada!

OF: Não seja por isso!

